

Associação Cultural e Literária Nikkei Bungaku do Brasil

Edição especial da
REVISTA BRASIL NIKKEI BUNGAU
34º CONCURSO LITERÁRIO YOSHIO TAKEMOTO
Número 55 — Março de 2017

SUMÁRIO DO CONTEÚDO EM PORTUGUÊS

DIRETORIA EXECUTIVA E CONSELHO FISCAL PARA O BIÊNIO 2017 E 2018	4
SELEÇÃO DOS TRABALHOS PARA PUBLICAÇÃO NA EDIÇÃO Nº 56	4
VENCEDORES DO 34º CONCURSO LITERÁRIO YOSHIO TAKEMOTO (CATEGORIAS EM PORTUGUÊS):	
HAICAI	5
POESIA	9
CONTO	13
TRADUÇÃO DO JAPONÊS PARA O PORTUGUÊS	23
QUEM FOI YOSHIO TAKEMOTO	30
HISTÓRIA DA LITERATURA CLÁSSICA JAPONESA — IDADE MÉDIA JAPONESA Andrei Cunha e Meiko Shimon	31
VENCEDORES DO 9º CONCURSO DE HAICAIS MASUDA GOGA.....	49
REGULAMENTO DO 35º CONCURSO LITERÁRIO YOSHIO TAKEMOTO.....	52
TEXTO DESTINADO À CATEGORIA TRADUÇÃO DO PORTUGUÊS PARA O JAPONÊS DO 35º CONCURSO LITERÁRIO YOSHIO TAKEMOTO	53

BRASIL NIKKEI BUNGAU 55: Uma publicação da Associação Cultural e Literária Nikkei Bungaku do Brasil (www.nikkeibungaku.org.br). Presidente: Michiyo Nakata. Endereço para correspondência: Rua Vergueiro, 819, sala 2, S.Paulo, SP, 01504-001. Email: secretaria@nikkeibungaku.org.br. Editora de língua japonesa: Michiyo Nakata. Editor de língua portuguesa: Edson Kenji Iura. Serviços gráficos: Service Miyagawa (service.miyagawa@gmail.com).

ASSOCIAÇÃO CULTURAL E LITERÁRIA NIKKEI BUNGAKU DO BRASIL
DIRETORIA EXECUTIVA E CONSELHO FISCAL PARA O BIÊNIO 2017 E 2018

Diretora-Presidente:..... Michiyo Nakata
Primeira-Vice-Presidente:Saoko Kosai
Segunda-Vice-Presidente: Misako Koike
Primeira-Secretária: Keiko Furukawa
Segundo-Secretário: Kenji Takemoto
Primeira-Tesoureira:..... Ryoko Suzuki
Segundo-Tesoureiro: Akira Kamatani
Diretora Cultural e Literária:Michiyo Nakata (Seção de Língua Japonesa)
Vice-Diretor Cultural e Literário:..... Nobuyuki Miyagawa (Seção de Língua Japonesa)
Diretor Cultural e Literário:..... Edson Kenji Iura (Seção de Língua Portuguesa)

CONSELHO FISCAL

Efetivo: Hidemitsu Miyamura
Efetivo: Meiko Shimon
Efetivo: Teruko Fujino Oda
Suplente: Akiko Majima
Suplente: Luci Tiho Ikari
Suplente: Maria Helena Madureira

SELEÇÃO DOS TRABALHOS PARA PUBLICAÇÃO NA EDIÇÃO Nº 56 (JULHO DE 2017)

Prazo de envio: 30 de abril de 2017.

HAICAI: Até cinco haicais com temas de inverno, datilografados ou digitados. Enviar para Haicai BNB, Rua Vergueiro, 819, sala 2, São Paulo, SP, 01504-001, ou para o email bnb@kakinnet.com, com o assunto “Haicai BNB”.

POESIA: até três poemas de, no máximo, 20 linhas, com tema e forma livres, datilografados ou digitados. Enviar para Poesia BNB, Rua Vergueiro, 819, sala 2, São Paulo, SP, 01504-001, ou para o email bnb@kakinnet.com, com o assunto “Poesia BNB”.

CONTO: Até dois contos de, no máximo, dez mil toques (cerca de quatro laudas), com tema livre, datilografados ou digitados. Enviar para Conto BNB, Rua Vergueiro, 819, sala 2, São Paulo, SP, 01504-001, ou para o email bnb@kakinnet.com, com o assunto “Conto BNB”.

Modalidades em japonês: as regras estão inseridas na seção em japonês da revista Brasil Nikkei Bungaku.

34º CONCURSO LITERÁRIO YOSHIO TAKEMOTO
CATEGORIA HAICAI EM PORTUGUÊS

Julgamento de Edson Kenji Iura e Teruko Oda

Para participação na categoria Haikai em Português do 34º Concurso Literário Yoshio Takemoto, o regulamento exigiu a inscrição, por cada autor, de um conjunto de cinco poemas independentes, ainda que tivessem unidade temática ou de outra espécie. Dentre os 89 autores inscritos, o Prêmio Especial foi atribuído a Cristiane Kovacs Cardoso (São Paulo, SP), com seu conjunto de haicais intitulado “Asas e sonhos”. Adicionalmente, dois trabalhos foram agraciados com Menção Honrosa: Neide Rocha Portugal (Bandeirantes, PR), com seu conjunto de haicais “Trilha colorida”, e Vânia Angélica Moreschi Popovitz (Curitiba, PR), com seu conjunto de haicais sem título.

Os autores empregaram técnicas comuns ao que se convencionou chamar de “haikai tradicional”, quando escrito em língua portuguesa. Em sua maioria, os poemas estruturam-se em tercetos de linguagem objetiva, divididos em duas metades, separadas por pontuação comum ou por travessão, assim como se valem do uso do *kigo* (palavras convencionais para indicar a estação do ano).

Além dos autores acima, outros quatro receberam o Prêmio Incentivo, sendo indicados para terem haicais selecionados publicados nas edições regulares da revista Brasil Nikkei Bungaku, durante o ano de 2017: João Toloi (Guarulhos, SP), autor de “Ipê-branco”, Maria Elza de Melo (Presidente Prudente, SP), com “Meus haikais”, Sílvia Maria Svereda (Irati, PR), com “Estações”, e Tereza Delong (Irati, PR), com seu conjunto de haicais sem título.

EDSON KENJI IURA é haicafista. Seleciona haicais dos leitores da coluna Haikai Brasileiro do Jornal Nippak. Diretor Literário e Cultural de Língua Portuguesa da Associação Literária Nikkei Bungaku do Brasil. Editor do sítio Caqui (www.kakinet.com) e administrador do fórum Haikai-L. Tem haicais publicados em antologias.

TERUKO ODA é professora e poeta, orientadora no Grêmio Haikai Ipê (São Paulo, SP). Coordena o Concurso Brasileiro de Haikai Infante-juvenil, destinado a alunos de todo o país. Coordenadora da etapa brasileira do World Children’s Haiku Contest, realização da JAL Foundation Tóquio. Autora de “Janelas e tempo”, selo PNLD/SP 2004, e selo PNBE/MEC 2009, tendo sido distribuídos cerca de 28 mil exemplares às escolas de todo o país. Na revista “A dozen tongues”, editada pela World Haiku Association, representa o Brasil e a língua portuguesa. Verbete 1305 no Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras, organizado pela Profa. Dra. Nelly Novaes Coelho.

34º CONCURSO LITERÁRIO YOSHIO TAKEMOTO
CATEGORIA HAICAI EM PORTUGUÊS

Prêmio Especial
CRISTIANE KOVACS CARDOSO
São Paulo, SP

ASAS E SONHOS

Da janela, o olhar
sobe e desce e dá mil voltas —
Seis, sete andorinhas...

Noite tumultuada —
Pernilongo sem-vergonha,
Onde está você?

Presos neste trânsito,
E a libélula tão livre
Sobre um carro e outro...

Por todo esse campo
Dourados brotos de trigo —
Lembro de meu sonho...

Passeio solitário —
Um passarinho parado
Sobre o capim seco.

CRISTIANE KOVACS CARDOSO (1970), paulistana, engenheira, trabalha com artesanato. Premiada em concursos de poesia, participa das reuniões do Grêmio Haicai Ipê desde 2015.

34º CONCURSO LITERÁRIO YOSHIO TAKEMOTO
CATEGORIA HAICAI EM PORTUGUÊS

Menção Honrosa
NEIDE ROCHA PORTUGAL
Bandeirantes, PR

TRILHA COLORIDA

Denso nevoeiro —
entre esses vultos sinistros
também sou um deles

Envelhecimento.
Acamado posso ver
minha suinã

Trotar do cavalo
rompe o domingo de inverno —
minhas cãs no espelho

Janela entreaberta —
um caminhante belisca
a folhinha nova

Que feliz regresso!
A touceira de Strelitzia
coloriu a trilha

NEIDE ROCHA PORTUGAL é paranaense (de Cornélio Procópio) e reside em Bandeirantes, PR. Pertence ao Grêmio Haicai Ipê, de São Paulo. Dedicou-se ao Haicai e ao Tanka. Professora voluntária de Haicai na APAE. Engenheira Agrônoma e Psicopedagoga. Autora de onze livros.

BRASIL NIKKEI BUNGAU 55

34º CONCURSO LITERÁRIO YOSHIO TAKEMOTO
CATEGORIA HAICAI EM PORTUGUÊS

Menção Honrosa
VÂNIA ANGÉLICA MORESCHI POPOVITZ
Curitiba, PR

Dia de Finados,
borboletas colorindo
túmulos sem flor.

Uma folha treme
e queda-se em silêncio.
Sanhaços no ninho.

Num copo com água,
inebriando meu quarto
a flor de gardênia.

Chuva no telhado:
as goteiras tamborilam
nos baldes de lata.

Haicais se comendo
sob a cadência da chuva.
Longa noite fria.

VÂNIA ANGÉLICA MORESCHI POPOVITZ é natural de Palmeira, PR. Atualmente mora em Curitiba, onde participa de performances poéticas e saraus literários. Amante da escrita, a considera como uma terapia que enaltece a alma. Seus poemas traduzem a percepção de momentos, eternizados em construções simples e profundas através de uma busca incessante pela Poesia do Mundo.

34º CONCURSO LITERÁRIO YOSHIO TAKEMOTO
CATEGORIA POESIA EM PORTUGUÊS

Julgamento de Regina Alonso e Teresa Teixeira

Na 34ª edição do Concurso Takemoto, 150 autores inscreveram seus poemas.

O Prêmio Especial coube a Tatiana Alves (Rio de Janeiro, RJ), por seu trabalho “Origami”. Sua autora tece poesia de conteúdo intenso. Estabelece relação entre o concreto (papel/origami) e o abstrato (palavra/poesia). Evidencia o trabalho que dá ao poeta compor a obra: é preciso ser tal qual um ourives a lavrar, no solitário-papel, a palavra (diamante agarrado). A obra (o poema) faz-se do ofício persistente do poeta que se desdobra em ourives e artesão. O poema é um origami, que se faz no dobrar e desdobrar das palavras em rasuras e rascunhos. Fluência e precisão de linguagem tornam a obra preciosa e merecedora do Prêmio Especial.

Dois trabalhos receberam Menção Honrosa. A primeira delas foi para André Kondo (Jundiaí, SP), por seu poema “Não reconheço”. Em linguagem fluente e precisa, o poeta vale-se de negativas que nos levam à ideia de afastamento do “eu” lírico da pessoa amada para, no final, fechar o poema com “chave de ouro”, contrapondo o impossível caminhar só, ele que na verdade, nem reconhece a si próprio.

A segunda Menção Honrosa foi atribuída a Walther Moreira Santos (Vitória de Santo Antão, PE), cujo trabalho leva o título “Último poema”. Nele, o autor traz a questão “Para que serve a poesia?”, ao tecer versos que evidenciam as dificuldades do poeta em seu fazer atropelado pelas questões cotidianas: contas a pagar, tempo para trabalhar (buscar o sustento) e criar, tudo é responsabilidade do homem, do poeta. O poema não tem serventia. “É um morcego cego que, às vezes, acha a saída”, mas o homem além das necessidades de ordem prática, precisa do sonho (poesia) para a alegria e esperança de viver.

Adicionalmente, quatro poemas foram agraciados com o Prêmio Incentivo, sendo selecionados para publicação nas edições regulares da Revista Brasil Nikkei Bungaku, durante o ano de 2017: “O inquilino”, de Alvorino Dias (Itatiba, SP), “Tanka”, de Eduard Tara (Iasi, Romênia), “Eu piquinininho” de Márcio de Ares da Silva (Belo Horizonte, MG) e “Pica-pau”, de Wladimir Moreira Santos (Belo Horizonte, MG).

REGINA ALONSO recebeu vários prêmios, dentre eles o primeiro lugar no Mapa Cultural Paulista: Conto 2007-2008. Diversos livros de prosa e poesia publicados. Livros de poesia: “Ofício”, “Tábua de marés”, “Olho por olho”, “Circularidade”, “De papoulas e sóis vermelhos”, “Tear”, “Paralelos” (bilíngue). Coordena os Grupos Literários: Café com Letras (AMBEP/Santos) e Outras Palavras (ONG TAMTAM). Integra as academias: Vicentina de Letras, Artes e Ofícios Frei Gaspar da Madre de Deus e Santista de Letras Casa de Martins Fontes. Ministra oficinas literárias e organiza antologias. Integra o Grêmio de Haicai Caminho das Águas e o Grupo Poetas Vivos. Também é atriz.

TERESA TEIXEIRA (nome artístico de Maria Teresa da Silva Teixeira Pinto) é administradora, pedagoga, mestre em gestão de RH, especialista em Gestão Ambiental e em Educação e Religião, poeta e organizadora de eventos culturais. Natural de Porto, Portugal. Viveu na Rússia e na Bélgica. No Brasil há mais de trinta anos, viveu em São Paulo, Maringá e atualmente em Santos. Foi Gerente de Turismo da cidade de Maringá. Publicou Poesia – Portugal em poesia de imagens. Participou em antologias e revistas de educação e identidade cultural da língua portuguesa. Organizou eventos sobre Fernando Pessoa. Ministra oficinas literárias. É colaboradora junto à coordenação do Grupo Literário Café com Letras, mantido pela Ambep, Santos, e do Projeto Outras Palavras da ONG TamTam, na cidade de Santos. Participa da organização das antologias literárias dos grupos citados acima. Faz parte do Grêmio de Haicai Caminho das Águas, de Santos.

34º CONCURSO LITERÁRIO YOSHIO TAKEMOTO
CATEGORIA POESIA EM PORTUGUÊS

Prêmio Especial
TATIANA ALVES
Rio de Janeiro, RJ

ORIGAMI

Em qualquer papel que se dobra,
A vida surge em dobro:
Na imagem desdobrada,
Na palavra do avesso.

E em cada avesso do verso,
A nova forma se abre:
Um diamante agarrado
No solitário-papel.

E assim a joia-obra
Em palavras se desdobra,
No estojo de tantas rimas
Onde o poeta as guarda.

É um artesão renitente
O poeta do origami:
A cada nova rasura,
Surge outra dobradura.

Fundem-se, então, os ofícios:
Ourives poeta artesão
Colhendo rascunhos, ranhuras,
Trazendo-os na palma da mão.

TATIANA ALVES transgride em poemas, comete delitos literários em contos, crônicas e ensaios e viaja em livros infantís. Rabisca na Revista Samizdat e no site Escritoras Suicidas, já tendo rascunhado nos sites Anjos de Prata, Cronópios e Germina Literatura. Possui vinte livros publicados. É Doutora em Letras e leciona Língua Portuguesa e Literatura no CEFET/RJ.

34º CONCURSO LITERÁRIO YOSHIO TAKEMOTO
CATEGORIA POESIA EM PORTUGUÊS

Menção Honrosa
ANDRÉ KONDO
Jundiaí, SP

NÃO RECONHEÇO

Não reconheço
o evangelho da tua carne
nem a fé em teu olhar

Afasto a tua túnica
o teu afago
e a tua dor

Desconheço
os grilhões em teu peito
e a labuta da tua boca

Não sigo os teus passos
não apago tuas pegadas
não busco o teu caminho

Sigo sozinho (como se possível isso fosse)
e fujo do meu próprio reflexo

...

que não me reconhece.

ANDRÉ KONDO é autor de nove livros, sendo oito premiados, incluindo “O pequeno samurai” (finalista do Prêmio Jabuti e M. H. Prêmio João-de-Barro), “Contos do Sol Nascente” (Prêmio Bunkyo, M.H. Prêmio Esfera das Letras – Portugal, Prêmio ProAC), “Contos do Sol Renascente” (Prêmio Humberto de Campos – UBE-RJ) e “Cem pequenas poesias do dia a dia” (Prêmio UNIFOR). Pós-graduado pela University of Sydney, Austrália, viajou por mais de sessenta países em busca de inspiração. Recebeu mais de duzentos prêmios literários, incluindo o Prêmio Especial do Concurso Yoshio Takemoto, possuindo textos publicados também em Portugal e no Japão. Ministra palestras e oficinas de criação literária. Vive de literatura. Site: www.andrekondo.com.

34º CONCURSO LITERÁRIO YOSHIO TAKEMOTO
CATEGORIA POESIA EM PORTUGUÊS

Menção Honrosa
WALTHER MOREIRA SANTOS
Vitória de Santo Antão, PE

ÚLTIMO POEMA

O poema não me paga a conta de luz
O poema não me ajuda a conquistar
Mariana, Beatriz, Fernanda, Fúlvio
Ou a vaga no estacionamento da livraria.

O poema me atrapalha a vida, me subtrai o tempo,
Vez em quando me faz acordar às quatro da manhã
Com uma descabida esperança
Na humanidade.

O poema, Senhores, não me ajuda a enxergar
Um palmo diante do nariz.

O poema é um morcego cego:
Grita, gane, guincha, cala, mas às vezes – ah! – acha a saída.

WALTHER MOREIRA SANTOS, dramaturgo e ficcionista, é autor de “O Ciclista” (Autêntica Ed. 2008, Prêmio José Mindlin de Literatura, Prêmio Cidade de Curitiba e um dos dez melhores livros do ano pelo Prêmio São Paulo), “Dentro da Chuva Amarela” (Geração Editorial 2000/2006), “Helena Gold” (Geração Editorial, SP, 2003/2006, Prêmio Portugal Telecom, finalista), “O Doce Blues da Salamandra” (MXM Editora 2001, Prêmio Cidade do Recife), “Um Certo Rumor de Asas” (Nova Prova/2003 Prêmio Casa de Cultura Mário Quintana), “O Colecionador de Manhãs” (2009, Formato, Prêmio Luís Jardim), entre outros.

34º CONCURSO LITERÁRIO YOSHIO TAKEMOTO
CATEGORIA CONTO EM PORTUGUÊS

Julgamento de Angela Senra e Danita Cotrim

Inscreveram-se um total de 138 autores. A responsabilidade de julgar um texto é compensada pelo prazer de desfrutá-lo. Todos os contos enviados para o concurso foram lidos com atenção. Procuramos um equilíbrio entre precisão vocabular e criatividade. Às vezes um texto brilha e cabe a quem julga pinçar a joia e oferecê-la ao leitor. Nesta edição do Prêmio Takemoto, selecionamos as seguintes obras:

“A certeza das mãos”, de André Kondo (Jundiaí, SP), recebeu o Prêmio Especial. Conto muito poético com linguagem original. A narrativa contrapõe dois lugares em tempos distintos, a Ilha Grande no Brasil e a Ilha de Okinawa no Japão. Cenários de beleza natural que exemplificam as semelhanças e diferenças entre os dois países. Entre eles há oceanos, esperanças e frustrações. O personagem principal, Toshio, relata a história da imigração japonesa e a vida simples com sua família e esposa através do trabalho manual, da pesca, dos cheiros, das carícias. As lembranças do personagem escritas nas linhas da palma da mão. Porque o senhor Toshio está tão só? Qual será esta certeza derradeira? Quem lhe estenderá a mão para que ele enfrente seu destino?

“Cerejeiras em flor”, de Gustavo Castro Araújo (Brasília, DF), recebeu Menção Honrosa. Conto muito criativo que mescla relatos históricos da época da Segunda Guerra Mundial com diálogos e cartas trocadas entre o personagem e sua mãe. O texto faz refletir sobre questões existenciais, como o desafio da morte iminente, o orgulho e o medo. A cobrança da pátria e da família pela honra. A cerejeira serve de metáfora da vida fugaz do jovem inseguro, que amadurece diante dos desafios, para vivenciar a glória efêmera e heroica.

“Do amor que cavalga hipocampos”, de Walther Moreira Santos (Vitória de Santo Antão, PE), recebeu Menção Honrosa. É um conto que fala de amor. E que também trata com sutileza questões de gênero, homofobia e as expectativas criadas em torno dos relacionamentos. Qual seria a única forma de perpetuar a paixão idealizada? Haveria uma maneira de eternizar o amor sem cobranças, desgastes, humilhações e decrepitude? O amor que almeja a perfeição de Deus, que subsiste para sempre, talvez esteja no limite de uma explosão. Você leitor, é quem irá decidir.

Adicionalmente, quatro outros contos foram distinguidos com o Prêmio Incentivo, sendo selecionados para publicação nas edições regulares da Revista Brasil Nikkei Bungaku, durante o ano de 2017: “A última flor da sibipiruna”, de Adriana Gusmão Antunes (São Mateus, ES), “Ana ao mar”, de Camila Fernandes (Governador Valadares, MG), “A amante”, de Sandra Maria Godinho Gonçalves (Manaus, AM), e “Nossos mortos”, de Tiago Feijó (Guaratinguetá, SP).

ANGELA SENRA é jornalista e escritora. Em 2014, lançou, em co-autoria com a também jornalista Miriam Sanger, o livro de entrevistas “Aprendi com meu filho”, pela Editora Saraiva, com 43 entrevistas de pais famosos e anônimos. Com o Beco de Escritores, grupo do qual faz parte, participa de duas coletâneas de contos: “Partidas: ausências, rupturas, despedidas” (Dobra Editorial, 2014) e “A Medida de Todas as Coisas” (Editora RDG, 2011).

DANITA COTRIM é contista e haicaista. Formação acadêmica em Comunicações, Literatura e Tecnologia. Publicou uma antologia de haicais (Selo Demônio Negro — 2010). Estuda e produz no Grêmio Haicai Ipê e colabora em publicações e sites, entre eles o jornal Nippak. Foi jurada das últimas edições do concurso de haicais da JAL e teve haicais expostos no Festival do Japão e na exposição bilíngue “Encontro com Poemas Nipo Brasileiros” no Bunkyo e Casa Guilherme de Almeida, Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa (dezembro de 2014). Em 2017, publica o livro de Haicais “Feira Livre”, edição de autor. Danita, além de escritora é executiva de telecomunicações.

Danita Cotrim e Angela Senra fazem parte do grupo Beco de Escritores e são co-autoras das antologias de contos A Medida de Todas as Coisas (RDG, 2011) e Partidas – Ausências, Rupturas e Despedidas (Dobra, 2014).

34º CONCURSO LITERÁRIO YOSHIO TAKEMOTO
CATEGORIA CONTO EM PORTUGUÊS

Prêmio Especial
ANDRÉ KONDO
Jundiaí, SP

A CERTEZA DAS MÃOS

Thoshio caminhava pela praia, passos lentos, porém firmes. Aquela parecia uma manhã como outra qualquer, como tantas que havia presenciado em décadas. Mas ele sabia que não haveria outra manhã como aquela. Ele sabia disso, pois suas mãos assim revelavam. Estava escrito em seu destino, em cada linha e falange, em cada ruga e calosidade de sua palma. Mãos bem vividas. Enxugou o suor do rosto com uma delas. Em seguida, observou o contorno de ambas as mãos, espaiadas como uma enseada. Observou-as contra o sol tépido. Ele tinha certeza, suas mãos lhe diziam que aquela era uma manhã de despedida.

Havia pedido aos deuses para ser assim: durante a noite, durante o sono, durante o sonho do qual não se desperta. Sabia que, ao final daquele dia, reencontraria as areias de sua ilha em Okinawa. Ouviria o som do sanshin dedilhado pelo avô, o marulhar dos dedos da mãe em seu rosto, o cheiro de peixe nas mãos do pai, cheiro de oceano, como ele sempre havia acreditado. Todas as mãos acariciariam a sua face na despedida. Sentiria a mão de Azumi, tecendo carinho para cobri-lo de amor.

Thoshio observou os pássaros sobrevoando o mar que banhava Ilha Grande, onde havia chegado há setenta anos. Não se lembrava dos pássaros de Okinawa, era ainda muito pequeno para dar importância ao formato das asas e bicos, mas acreditava que eram os mesmos pássaros. Por que não seriam? Se ele, um frágil menino, havia imigrado de tão longe, por que os pássaros não lograriam o mesmo? Afinal, eles tinham asas e o menino só tinha dois pequenos braços que, à época, ainda não conseguiam dar a volta na cintura do pai.

— Um dia a gente volta, Thoshi-chan — o pai prometeu.

Thoshio acreditou. Mas, qual seria o retorno prometido pelo pai? Para Okinawa? De alguma forma, os avós, os pais, todos haviam voltado. “A geografia do coração é diferente, Thoshi-chan”. Em breve, seria a vez de Thoshio. Como seria a viagem de volta? Tranquila como havia sido com os que retornaram antes?

— Thoshio, amanhã não estarei mais por aqui. Quero que saiba que confio em você para segurar o leme. Se antes eu hesitava passar o comando do barco, era apenas porque eu não queria acreditar que o meu filho já era grande demais para precisar de minhas mãos. Fui tolo, porque só agora, perto do fim, eu entendo que as suas mãos são as minhas...

No dia seguinte, o pai realmente não acordou. Por outro lado, a mãe nunca chegou a dizer abertamente que iria partir. Mas Thoshio se lembrava muito bem do último dia... A mãe havia preparado um delicioso goya champuru, da maneira como ele gostava. Naquele último dia, a mãe segurou as mãos do filho, aquecendo-as com um sopro. Antes de apagar o lampião, a mãe olhou para Thoshio, com um sorriso que não se apaga. Não disse nada antes de partir, pois assim era a mãe: silêncio... Um silêncio que conforta, um silêncio que apenas os que

amam se sentem confortáveis em sentir pela eternidade.

Sua amada Azumi havia partido há uma semana, também em silêncio. Thoshio lembrou-se que ainda na última noite, as mãos da esposa tiravam as escamas de um peixe pescado por ele, enquanto ele tirava as escamas de um peixe pescado por ela. Assim foi durante a vida. Thoshio e Azumi pescavam juntos, limpavam os peixes juntos, como se a mão de um fosse a mão do outro e vice-versa. Não havia distinção entre as tarefas de suas mãos.

A última refeição, preparada por ambos, havia sido tão saborosa. Thoshio ainda tinha o oceano entre os dentes, sentia o tempero do matrimônio, a refeição farta de uma vida plena. Estava pronto para reencontrar aquelas mãos.

Thoshio caminhou pela praia a manhã inteira daquele dia em que o outono acompanhava cada passo, como uma folha que descansa após o vigor dos dias de verão. Ao início da tarde, refugiou-se sob a sombra de uma árvore para comer o seu obentô. Arroz, peixe salgado como a saudade, pepino em conserva. Suas mãos agradeciam a cada vez que a boca as tocava durante o frugal almoço, como em um beijo. Satisfeito, despedindo-se do mar, voltou para casa.

Abriu a porta de madeira, fustigada pela maresia, com as marcas de um tempo que não retorna. Varreu cada cômodo, tirou o pó dos poucos móveis, regou as plantas, limpou as lembranças, acendeu o último incenso e a última vela ao fim da tarde. Não esperou que a luz se extinguisse, nem que a fumaça se dissipasse. Voltou ao quarto, com o sorriso de dever cumprido. A casa estava preparada para receber visitas e partidas. A mesa posta, as plantas aguadas, a carta de despedida com caprichada caligrafia, o testamento lavrado no peito no inventário das horas que migram. Tomou banho. Preparou um chá. Suas mãos se aqueciam com o vapor exalado, como se a mãe voltasse a esquentá-las com seu fôlego. Depois, lavou e enxugou a tigela de chá, guardando-a cuidadosamente. As mãos com movimentos orquestrados, firmes, acostumados com a vida. Escovou os dentes, lavou as mãos, como em um batismo. Enxugou-as com a toalha bordada pela esposa. Estava, definitivamente, pronto.

Em seu leito, fechou os olhos. À medida que a noite cobria a praia e o mar e toda a casa, enquanto todo o silêncio do mundo cabia no quarto e toda a paz se servia à mesa de Thoshio, as visitas vieram e se sentaram ao lado do homem que estava pronto para partir.

Os pássaros, as asas, o sanshin, o navio, o porto, a saudade, o braço forte do pai, a primeira pescaria, saquê quente, flores, chá, o tempero da mãe, o olhar da esposa no dia do sim... A madrugada em procissão, as estrelas, a Lua, Ilha Grande, Okinawa, as mãos do pai, as mãos da mãe, as mãos da esposa, as mãos...

Ao amanhecer... Thoshio abriu os olhos. Apesar de estar pronto, ainda não havia chegado a hora do retorno. Thoshio sorriu. Talvez aquela fosse a última manhã! Mas, por enquanto, ergueu as mãos e sentiu a certeza dos dedos dos pais e de sua amada Azumi, ao deitá-los sobre a própria face. Saiu de casa, para caminhar pela praia. Estava pronto... Para mais uma última manhã.

ANDRÉ KONDO é autor de nove livros, sendo oito premiados, incluindo "O pequeno samurai" (finalista do Prêmio Jabuti e M. H. Prêmio João-de-Barro), "Contos do Sol Nascente" (Prêmio Bunkyo, M.H. Prêmio Esfera das Letras – Portugal, Prêmio ProAC), "Contos do Sol Renascente" (Prêmio Humberto de Campos – UBE-RJ) e "Cem pequenas poesias do dia a dia" (Prêmio UNIFOR). Pós-graduado pela University of Sydney, Austrália, viajou por mais de sessenta países em busca de inspiração. Recebeu mais de duzentos prêmios literários, incluindo o Prêmio Especial do Concurso Yoshio Takemoto, possuindo textos publicados também em Portugal e no Japão. Ministra palestras e oficinas de criação literária. Vive de literatura. Site: www.andrekondo.com.

34º CONCURSO LITERÁRIO YOSHIO TAKEMOTO
CATEGORIA CONTO EM PORTUGUÊS

Menção Honrosa
GUSTAVO CASTRO ARAUJO
Brasília, DF

CEREJEIRAS EM FLOR

— Parabéns, Nakamura! — disse Tetsuo, com aqueles olhos pequenos que lembravam gotas de piche. — Chegou a sua vez.

Hideo sorriu. Não era um sorriso verdadeiro. Estava mais para uma expressão de simpatia teatral. Não queria desapontar o amigo.

— Sua família vai ficar contente. É um orgulho.

Mãe,

Não tenho certeza se esta carta chegará até a senhora, mas escrevo assim mesmo.

Estou na base há um mês. Devo dizer que a Marinha foi a escolha acertada. Aqui estamos a salvo da influência do Exército. Com sorte, o treinamento não será tão severo. Logo a guerra terminará e eu poderei voltar para casa.

Hideo Nakamura chegara a Kanoya, atendendo à convocação, ao terminar a faculdade. Seguiria a trilha de seus antepassados, que haviam lutado em todas as guerras desde Tokugawa, para honrar o *Yamato*, sua família e o Imperador.

— Acostumados ao sofrimento, não tememos a morte — disse o capitão Oishi, já no primeiro dia de treinamento, ao ensinar os instruídos como tirar a própria vida utilizando-se da baioneta, caso cercados pelo inimigo.

— O soldado do Imperador jamais se rende.

Com o tempo, Hideo repetia o lema sem pensar, movendo os lábios numa prece muda durante os momentos mais difíceis da preparação, como quando sofria golpes de *hanbō* por esquecer o *Gunjin Chokuyu*.

Fora designado para a aviação naval, para patrulhar o oceano ao sul de Kyushu, região alheia à ameaça dos americanos. Talvez por isso acreditasse que chegaria vivo ao fim da guerra. Sem querer, fazia planos. Quando tudo terminasse, trabalharia como geólogo. Ajudaria o Japão a se reerguer. *Atiraria uma pedra*. Honraria sua família dessa forma. Vivo.

Mãe,

Li sua carta dezenas de vezes. Fiquei preocupado com Haruki, mas creio que ele é forte o bastante para suportar a rotina na Coreia. E a senhora, como tem passado? A dor nas costas melhorou? Sinto por não haver ninguém para ajudar.

Nossos treinamentos se intensificaram. Dizem que seremos empregados em missões de ataque.

A boa notícia é que as cerejeiras estão em flor. Sempre que passo por elas, lembro de casa, de como a senhora as adora.

Certo dia, o almirante Takeshi chegou a Kanoya com a notícia de uma nova estratégia. Hideo estava no refeitório lotado ao ouvi-la. Kanoya seria a primeira base de Kyushu dedicada à formação de unidades especiais de ataque, os *Tokubetsu Kōgekитай*, os *Tokkōtai*: aviões lançados como mísseis contra embarcações inimigas. Como o vento divino que impedira a invasão de Gengis Khan, as aeronaves da Marinha Imperial repeliriam os bárbaros, preservando a pureza do solo japonês.

Em um segundo, a morte ganhou ares de certeza. Hideo viu desmoronar a proteção retórica que construía para si.

Apenas voluntários poderiam participar das unidades especiais. Morrer com honra exigia comprometimento pessoal, prosseguiu o almirante Takeshi. Nisso, mandou vender todos os presentes. Explicou, então, que navios americanos se preparavam para atacar Iwo Jima e Okinawa e que tinham planos para uma invasão completa do Japão. Era dever da Marinha impedi-los.

Não quero morrer.

Ordenou que os voluntários para as unidades de ataque erguessem os braços.

Hideo teve vontade de fugir. Não havia como trocar olhares com outros pilotos, saber se mais alguém pensava como ele. Ouviu o roçar das camisas. Imaginou-se sozinho, o único com o braço abaixado. Seria mandado para Guam. Pior, desgraçaria sua família, seus antepassados, sua história.

Engolindo as lágrimas, acompanhou os demais.

— Quer saber onde será? — perguntou Tetsuo.

— Faz diferença? — devolveu Hideo, arrependendo-se de pronto pelo tom de ira. Tetsuo não tinha culpa.

— Atol de Ulithi.

Hideo olhou-o intrigado.

— Ulithi? São mais de quatro mil quilômetros.

— Vi quando a mensagem chegou pelo rádio. Será um ataque isolado, sem escolta.

Eu vou morrer.

Ao escutar seus próprios pensamentos, envergonhou-se. Os americanos vinham bombardeando Tóquio incessantemente. Cidades estavam arrasadas, passando por incêndios dia e noite. Milhares haviam perecido. Mulheres, velhos, crianças. O sacrifício de seu bem maior era a única opção para derrotar o inimigo. Tinha que acreditar nisso.

— Quando é a partida?

— Os detalhes serão definidos hoje, no entardecer. Você conhece a rotina. Decolagem à meia-noite. Chegada ao destino no início da manhã.
— Combustível só para ida.
— Claro. Você é um *Tokkōtai*, né?

Mãe,
Fui apontado para uma missão que muito me enobrece: morrer pelo Imperador. Para mim e para toda nossa família é uma honra. Com nossos aviões afundaremos os navios do inimigo, rompendo o cerco que nosso país vem sofrendo.
Sei que a senhora pode ficar triste, mas peço que tome minha morte como necessária para que nosso Japão se mantenha intocado.
As cerejeiras estão mais bonitas que nunca.

A voz de Tetsuo ainda preenchia a carlinga do avião. “*Você é um Tokkōtai, né?*” À frente, o breu infinito, a solidão arrebatadora. Há quanto tempo havia decolado? Duas horas? Lembrou-se de Kumamoto e dos dias de infância.

O que seu pai pensava no leito de morte? “Menino”, dissera ele, a voz arranhando a garganta, “repare aqui...” O homem segurava um relógio de bolso. “Cada segundo que passa é uma gota de vida que se evapora. Aproveite bem.”

Jamais seria geólogo. Jamais perpetuaria o nome de sua família. Jamais veria o Japão se reerguer. Não ficaria velho. Não comemoraria a chegada do outono.

Seu nome será eternizado. Graças a você, o Império terá uma chance.

Os primeiros raios de sol avançaram sobre o mar, conferindo à água um brilho dourado, desaparecendo atrás de nuvens em seguida. Hideo desceu à altitude mínima, tangenciando ondas revoltosas para evitar radares. Logo a embarcação estacionada em Ulithi surgiria no horizonte.

E se pousasse seu avião numa ilha próxima? Poderia se render. Seria tomado como prisioneiro. Teria, quem sabe, uma vida próspera na América.

Render-se não é uma opção.

Era evidente que os aliados venceriam a guerra.

Isso é absurdo! São mercenários!

A guerra... Quem decide os rumos dos combates nunca vai ao front...

É mentira. Pense em Nishizawa.

Não era correto arremessar seu avião contra um navio americano. Qual a utilidade de morrer pelo Imperador? Se os americanos o acolhessem, poderia se casar, ter filhos. Trabalhar como geólogo em Nova York. Viver.

Viver em vergonha. Sem honra.

Ao entardecer voltara ao alojamento. Tinha as instruções, conhecia os procedimentos, a rota a ser seguida.

Seguindo a tradição, redigiu seu *jisei*.

À meia noite, dirigiu-se ao aeródromo. O *Zero* estava abastecido e carregado. Uma bela aeronave. Hideo examinou os rebites da fuselagem. Nas asas, reluziam os discos vermelhos com contornos brancos. Sob a carlinga, uma pequena bandeira do Império, com os raios do Japão em guerra se projetando de um sol enfurecido. O som abafado da canção *Umi Yukaba* vinha de algum canto desconhecido.

Ao despedir-se do capitão Oishi, Hideo curvou-se. Em seguida, tomou um gole de saquê. Tetsuo ajudou-o a amarrar a bandana branca na cabeça, com o mesmo sol carmim pintado na frente. Por último, ajeitou-lhe o lenço branco no pescoço, a pureza de espírito.

— *Sayonara* —, disse Tetsuo, a voz inesperadamente trêmula.

— Longa vida ao Imperador —, respondeu Hideo.

Subiu no avião e atou os cintos. “Pobres dos covardes, que morrem esquecidos.” Mesmo sob o estrondo do motor, era como se ouvisse o capitão Oishi. “A verdadeira morte de um homem só acontece quando ninguém mais se lembra dele.”

Ao decolar, imaginou a mãe, em casa. Lágrimas verteram sobre o rosto jovem.

Querida mamãe,

Esta madrugada levantarei voo pela última vez. Estou com medo. Não sei como serão meus últimos momentos. Queria vê-la pela última vez, ouvir uma história, dormir ao som de sua voz. No entanto, devo cumprir minha missão. Por favor, não chore. Saiba que seu filho pensou na senhora até o último instante, mesmo quando as flores de cerejeira já haviam caído.

Adeus.

Ao apontar o nariz do avião para baixo, Hideo divisou o porta-aviões. As instruções eram para jogar o *Zero* contra ele imediatamente, evitar a ponte de comando, mirar entre a torreta e os dutos de exaustão. Ser rápido e implacável.

Sobre o convés enxergou os marinheiros. Corriam feito galinhas, certamente surpresos por ver um avião japonês tão longe da costa. Sabiam que se tratava de um *kamikaze* e isso lhes causava um pânico ainda maior. Ao lado, no deque, aeronaves com as asas dobradas para cima revelavam que não havia, pelo menos àquela hora, qualquer intenção de atacar Iwo Jima.

Talvez tudo fosse um erro. Poderia pousar na água e pedir desculpas aos marinheiros ianques.

Ninguém morreria naquela manhã.

Viu quando alguns deles se posicionaram atrás de uma metralhadora. Em seguida apontaram a arma na sua direção. Explosões fizeram o *Zero* balançar. Hideo recordou a palestra de Nishizawa, de como ele, o mais famoso aviador japonês, ensinara a técnica para enganar os atiradores. Nishizawa, que afundou o H.M.S. Sydney. O melhor piloto que o Japão produziu transformou seu *Zero* em um míssil, abatendo um porta-aviões com mais de quatrocentos marinheiros australianos.

Um herói.

Herói.

Hideo.

Não tinha coragem de matar uma mosca.

É mentira. Viver é superar os temores.

Como poderia ceifar a vida daqueles sujeitos? Podiam estar sentados à mesa de um bar em Tóquio contando piadas. Hideo os ensinaria a usar o *hashi*.

Outra explosão.

“Eles vão invadir o Japão se não fizermos nada”, dissera o almirante Takeshi. “Vão nos transformar em escravos. Violarão nossas esposas.”

Coragem! Honra!

Medo.

Passaremos à história como fanáticos?

O sol se esgueirou entre as nuvens, espalhando sua luz difusa sobre o mar. O momento mais belo do dia é o que aparece mais cedo. Assim como na vida.

Uma carga de artilharia atingiu a asa direita. O avião se desestabilizou. O segundo fatal apresentava-se.

Hideo apurrou o Zero na direção do porta-aviões. Empurrou a manete toda à frente.

—Mamãe...

*Nada mais triste do que a solitária cerejeira
Cujas flores são levadas em um instante;
Nada mais belo do que outra primavera
Que faz nela renascer a vida, triunfante.*

GUSTAVO CASTRO ARAUJO nasceu em Curitiba, PR, em 1973. Influenciado por Niccoló Ammaniti e John Boyne, escreveu seu primeiro romance, “O Artilheiro”, finalista no Concurso Nacional do SESC em 2009. Dois anos depois, teve o conto “O Logaritmo do Gato” selecionado para a Coletânea Machado de Assis, do SESC-DF. Em 2013, os contos “O Livro de Elisa” e “Catarina” foram publicados na Antologia “!” da Caligo Editora. Em 2014, o conto infantil “Tempo de Arte” foi selecionado para a coletânea “Monteiro Lobato” do SESC-DF. Em 2015, seu romance “Pretérito Imperfeito” foi lançado pela Caligo Editora.

34º CONCURSO LITERÁRIO YOSHIO TAKEMOTO
CATEGORIA CONTO EM PORTUGUÊS

Menção Honrosa
WALTHER MOREIRA SANTOS
Vitória de Santo Antão, PE

DO AMOR QUE CAVALGA HIPOCAMPOS

*Mas eu comecei então a pensar no tempo
como tendo uma forma,
alguma coisa que pudesse ser vista,
como uma série de transparências líquidas,
uma por cima da outra.
Você não olha para trás, no tempo,
para o passado, mas para baixo,
como a água.*

Margaret Atwood, *Olho de gato*

O delicado contorno da mão esquerda dele pousada no azul macio do jeans que veste minha coxa direita se assemelha à sombra do avião sobre o Atlântico a 11.000 metros de altura. Uma mão delicada, porém firme. Pequena talvez para uma mão de homem, apesar da profusão dos pelos negros — aquele prenúncio de virilidade —, sobre a superfície muito branca da pele; mãos firmes e implacáveis nas horas de cirurgias delicadas; as únicas mãos do país capazes de realizar cirurgias cardíacas em bebês ainda no ventre da mãe. A mesma delicadeza firme que sabia como lhe dar prazer como nunca antes alguém lhe proporcionara.

Os passageiros quietos, em completo silêncio, sem idas e vindas ao toailete; o sorriso quase sincero da comissária de bordo ao trazer um travesseiro, a ternura quase sincera ante a visão do seu Companheiro dormindo — muito embora servindo aquele esforço apenas para mascarar um profundo desprezo ante a visão de dois homens tão jovens e tão bonitos formarem um casal. Porém nem essa pátina de imperfeição estraga aquele momento — antes, aprofunda-o e dá a você o prazer de uma coisa proibida e só a você acessível. E há tanta, tanta *promessa* no ar. A renovação do contrato do seu maior patrocinador. Sua nova casa. A promoção do seu companheiro no hospital. A sua ascensão à categoria profissional na seleção brasileira de tiro com arco. Aquela escapada louca para os três dias de mini-férias nas ilhas Fiji — muito embora nada no hotel fosse como o prometido pelo site da agência de viagens. Aquele instante de Precisão, ponto convergente do laser da Felicidade. Sua flecha atingindo em cheio o alvo da Felicidade a 90 metros de distância.

Não se pode mudar ninguém com mais de 30 anos, diziam os manuais norte-americanos de psicologia comportamental. Seu Companheiro conta com 31 anos — a partir de agora seu temperamento será imutável como o diamante lapidado se liga à beleza.

Você, que nunca acreditou em amor. Você que sempre soube que o amor nada mais é do que um ardil para vender perfumes jantares livros filmes restaurantes novos ou promessa

de vida depois da morte. Você, cuja vida amorosa é uma daquelas histórias sobre cuja depravação é melhor calar. Você, que acreditava ser o amor algo que vivia dentro dos limites do sentimento de asfixia — como uma sultana molhando os pés na fonte do jardim interno do palácio, pois proibida de sair às ruas. Você e seu infinito cinismo a respeito do amor; afinal não está escrito em todos os livros, peças, óperas, canções: amor é sinônimo de sofrimento?

E não havia qualquer sofrimento naqueles dois anos de amor tranquilo como um regato límpido. Estava escrito no Eclesiastes: “maldito o homem que confia no outro homem”; no entanto, àquele homem você confiava seu coração.

E não é Amor o que *ressoa* dentro da atmosfera daquilo que vocês criaram — que é sólido e ao mesmo tempo frágil, que é intenso e ainda assim tranquilo?

Bonsai, pescaria, gastronomia — atividades a exigir paciência, silêncio e cultura. Isso tudo era ele. Você próprio se sentindo como um fícus, sendo delicadamente podado, nutrido, até a perfeição e isso de nenhum modo o fazia se sentir prisioneiro e sim *cuidado*.

Neste exato momento você compreende que Deus não é um ser, uma pessoa, uma força, algo nalgum ponto inacessível aos homens. Deus é um reino. Deus é *um lugar*. O preciso lugar onde está você *agora*.

E você compreende só haver um modo de aquele Deus-lugar-perfeição subsistir para Sempre: se o avião inteiro explodisse.

Na explosão, seu corpo seria fragmentado junto ao corpo do seu Companheiro, pedaços de olhos corações ossos medula se fundindo, se amalgamando antes do batismo do fogo, algo entre 400 e 1.200 graus Celsius. Algo ainda superior aos mil graus dos fornos crematórios. Há perfeição nessa morte praticamente instantânea, no modo como vocês ficarão para sempre saudáveis e felizes na memória dos amigos; no modo como a ausência do enfrentamento da humilhação da velhice, das doenças, dos gases e de toda a imundície que se segue à decrepitude e morte do corpo. Soaria como algo a enganar a morte. Há poesia na lembrança da pequena remuneração paga aos seus parentes pela companhia aérea, um dinheiro que poderia ser usado para a construção de um jardim ou de uma piscina; há poesia no modo como seus nomes ficariam para sempre ligados aos bons momentos desfrutados nesses espaços de lazer. Há poesia na lembrança de pequenas partículas suas e do amor de sua vida, translúcidas pelo sol dos trópicos, caindo no mar e servindo para alimentar os hipocampus ou cavalos-marinhos.

Todo o seu ser desliza para dentro do silêncio da cabine. Sua mão esquerda desliza em direção à pequena mão direita do seu Companheiro. Aperta-a como nunca antes.

Você fecha os olhos e espera a explosão.

WALTHER MOREIRA SANTOS, dramaturgo e ficcionista, é autor de “O Ciclista” (Autêntica Ed. 2008, Prêmio José Mindlin de Literatura, Prêmio Cidade de Curitiba e um dos dez melhores livros do ano pelo Prêmio São Paulo), “Dentro da Chuva Amarela” (Geração Editorial 2000/2006), “Helena Gold” (Geração Editorial, SP, 2003/2006, Prêmio Portugal Telecom, finalista), “O Doce Blues da Salamandra” (MXM Editora 2001, Prêmio Cidade do Recife), “Um Certo Rumor de Asas” (Nova Prova/2003 Prêmio Casa de Cultura Mário Quintana), “O Colecionador de Manhãs” (2009, Formato, Prêmio Luís Jardim), entre outros.

34º CONCURSO LITERÁRIO YOSHIO TAKEMOTO
CATEGORIA TRADUÇÃO DO JAPONÊS PARA O PORTUGUÊS

OBRA TRADUZIDA: *KURUMA*, DE KENJI MIYAZAWA

Julgamento de Andrei Cunha, Helena Hisako Toida e Sonia Ninomiya

Este ano, encontramos nas traduções muitos problemas referentes a interpretações, acréscimos e supressões importantes para a boa compreensão do texto, bem como algumas falas que são atribuídas ao personagem errado. Por outro lado, merece elogio, de uma maneira geral, o cuidado na preparação do manuscrito para publicação, principalmente no que se refere à observância de elementos tipográficos. Ainda que uma parte dos candidatos tenha demonstrado dificuldades com o uso da vírgula, quase todos respeitaram as convenções de praxe. Uma boa parte dos trabalhos apresentava, ainda, soluções tradutórias pouco idiomáticas, que precisariam ser revisadas, caso os trabalhos fossem destinados à publicação.

Devido aos problemas mencionados, o júri decidiu atribuir apenas uma Menção Honrosa. O vencedor deste ano é de Portugal, e a variedade do português que ele usa é a europeia, o que ficou claro mesmo antes de sua identidade ser revelada. Na fase de apreciação dos trabalhos, depois de alguma deliberação, o júri decidiu não considerar essa questão para a decisão final, seja como uma vantagem ou desvantagem. O texto é vencedor devido às suas qualidades intrínsecas, suas escolhas tradutórias, e a qualidade de sua expressão literária, independente da variação linguística. Vale lembrar também que no Japão, onde as diferenças dialetais são mais respeitadas e valorizadas do que no Brasil, uma diferença desse tipo seria tida como natural, e não causaria polêmica. Grandes autores da tradição japonesa, como Tanizaki Jun'ichirô, por exemplo, muitas vezes não usavam o que se convencionou chamar de “língua padrão”.

Encerramos nosso parecer reiterando nossa satisfação com relação ao louvável esforço dos candidatos, cuja missão de embaixadores da cultura japonesa foi mais do que cumprida a contento, e renovamos nosso voto de que este concurso seja um fórum privilegiado de produção tradutória e de diálogo internacional entre a lusofonia e a nipofonia.

ANDREI CUNHA é doutor em literatura comparada, tradutor público juramentado de japonês e professor adjunto de literatura japonesa do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, Porto Alegre, Brasil). Bacharel em direito japonês e mestre em relações internacionais pela Universidade Hitotsubashi (Kunitachi, Tóquio, Japão). Sua mais recente tradução publicada é “A Gata, um homem e duas mulheres”, de Tanizaki Jun'ichirô, pela Editora Estação Liberdade (2016).

HELENA HISAKO TOIDA é graduada em Letras — Japonês e Português pela USP e Mestre em Educação pela Universidade Tokyo Gakugei. Atualmente é professora titular do Departamento de Estudos Luso-Brasileiros, Faculdade de Estudos Estrangeiros da Universidade Sofia. Atua nas áreas de ensino da língua portuguesa, literatura brasileira e japonesa e tradução.

SONIA REGINA LONGHI NINOMIYA é graduada em Letras — Português pela USP e em Letras — Japonês pela Universidade de Estudos Estrangeiros de Tóquio. Mestre pela Universidade de Tsukuba e doutora em Linguística Aplicada aos Estudos da Linguagem pela PUC-SP. Professor Adjunto do Setor de Letras Japonesas da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atua nas áreas de tradução, linguística sistêmico-funcional, gramática da língua japonesa e literatura japonesa moderna.

SOBRE O AUTOR

KENJI MIYAZAWA (1896–1933) foi professor, escritor, geólogo, defensor da causa vegetariana, violoncelista e agrônomo. Pouco reconhecido em vida, é visto hoje, no Japão, como um dos mais importantes autores do século XX. Sua ficção, algumas vezes comparada à de Hans Christian Andersen, vai além da literatura infanto-juvenil, aliando um humor simples e na aparência inocente a uma viva imaginação e experimentações formais francamente vanguardistas.

Nascido em Hanamaki, Iwate, Miyazawa tinha uma saúde frágil e morreu de complicações da tuberculose, aos 37 anos de idade, na mesma cidade onde nasceu. Era o filho mais velho do dono de uma próspera casa de penhores, mas, desde pequeno, não aceitava as diferenças sociais entre pobres e ricos. Uma interessante crítica à profissão de seus antepassados é sugerida em um de seus mais conhecidos contos, “A Líder das Rãs”, no qual uma rã imperial escraviza trinta rãs trabalhadoras por meio do endividamento. Esse e outros catorze contos seus foram publicados em 2008 pela editora Globo, na antologia “Viagem Noturna no Trem da Via Láctea”, com tradução de Madalena Cordaro e Lica Hashimoto e prefácio de Nana Yoshida.

Formou-se em 1918 em agronomia pela Escola Técnica de Agricultura e Florestamento (atual Universidade de Iwate). Ao terminar o curso, foi convidado para ser professor; no entanto, devido a brigas de família, foi em 1921 morar em Tóquio, abrindo mão da herança em nome do irmão mais novo, por desaprovar a atividade do pai. Em Tóquio, lê pela primeira vez a obra de Hagiwara Sakutarô, importante poeta modernista e que teve visível influência no estilo de Miyazawa. Começa a escrever histórias infantis. É obrigado a voltar a Hanamaki no mesmo ano, devido à doença de Toshi, sua irmã mais nova, que era a pessoa de sua família com quem ele tinha uma maior conexão intelectual e emocional. Toshi vem a falecer no ano seguinte. O livro com os poemas que Miyazawa escreveu para a irmã, depois da sua perda, é considerado um dos mais importantes de sua produção, atingindo um novo patamar de força expressiva.

Ainda em 1922, Miyazawa passa a trabalhar na Escola de Agronomia de Hanamaki. Com o seu salário, paga em 1924 pela publicação de seu primeiro livro, “O Restaurante de Muitos Pedidos”, que possui uma mensagem de respeito à natureza. No conto que dá título ao livro, os bichos da floresta se vingam de dois caçadores arrogantes. Na introdução, Miyazawa afirma: “Tive inspiração para minhas histórias ao luar e vendo o arco-íris, em lugares como trilhos de trem e campos e florestas”.

Como professor, gostava muito de propostas pedagógicas alternativas, como aulas práticas, saídas de campo e montagem de peças teatrais de autoria dos alunos, dentre outras. Tudo isso era, para a época, considerado excêntrico, da mesma maneira que outros traços do autor, como seu vegetarianismo, sua profunda devoção budista, sua dedicação aos pobres, sua crença no progresso científico, sua aparente ausência de ambição e sua recusa do materialismo. De 1926 a 1933, trabalhou para ajudar os agricultores pobres da região de Iwate, introduzindo novas técnicas agrárias e espécies de sementes. Em 1926, demite-se da escola onde trabalhava para fundar a Associação de Agricultores de Rasu, onde dava palestras sobre agronomia. Nessa associação, também havia apresentações de teatro, música e outras atividades culturais.

Escreveu contos, peças de teatro, tanka e verso livre. Sua literatura demonstra uma sensibilidade pela terra e pelas pessoas que trabalham nela, com influência da literatura

proletária, do romantismo de Andersen e de sua fé budista. Sua poesia foi traduzida para diversas línguas e muitas de suas histórias foram adaptadas para desenhos animados. É autor do poema mais conhecido dos japoneses, “Ame ni mo makezu, kaze ni mo makezu” (“Firme na chuva, não me rendo ao vento”), que voltou a ser importante tópico da vida cultural do Japão por ocasião da catástrofe de Fukushima, em 2011. Esse símbolo do ideal de perseverança japonês foi escrito em 1931, menos de dois anos antes da sua morte, e não foi publicado durante a vida de seu autor.

Na manhã do dia 21 de setembro de 1933, sofrendo de uma pneumonia, Miyazawa pediu ao pai que imprimisse mil cópias do Sutra do Lótus para serem distribuídas. Morreu às 13h30min do mesmo dia. Sua obra foi ignorada por muito tempo, passando a ser realmente popular a partir dos anos 1990.

Kenji Miyazawa não publicou em vida o conto escolhido para a edição deste ano do Concurso Literário Yoshio Takemoto, “Kuruma”. Trata-se de uma narrativa na qual encontramos a preocupação do autor com as pessoas humildes, sua vida e seu trabalho. O texto alia ainda a observação da natureza, das paisagens e da sociedade em que Miyazawa vivia à sua imaginação fantástica, fino senso de humor, e indiscutível habilidade para criar diálogos vivos e uma prosa cheia de movimento.

34º CONCURSO LITERÁRIO YOSHIO TAKEMOTO
CATEGORIA TRADUÇÃO DO JAPONÊS PARA O PORTUGUÊS

MENÇÃO HONROSA
ANDRÉ PINTO TEIXEIRA
Odivelas, Portugal

A CARROÇA
Kenji Miyazawa

Tradução de André Pinto Teixeira¹

Em pé no canto da rua, Hersch carregava um cesto sobre a cabeça. Era manhã, contudo não se podia dizer que tivesse trabalho. Sem saber bem o que fazer, Hersch poisou o cesto e assentou-se. Começara a comer do seu *bento* quando um homem de barba ruiva se aproximou, visivelmente apressado.

— Ó! Temos uma emergência em mãos, não há terebentina que chegue para a construção da caserna. Preciso que vás à fábrica comprar um pouco de terebentina. Podes levar aquela carroça ali. Quatro latas, apenas. Para a fábrica basta levares este cartão de visita.

— Para onde vou? — perguntou Hersch, fechando a caixa de *bento* enquanto se levantava.

— É assim: atravessas aquela ponte e vais sair àquela fila de salgueiros, está bem? Avançando pouco mais de um quilómetro, encontrarás uma estaca branca do lado direito. Aí, viras à direita e entras nessa rua. Assim que entrares, verás uma floresta de pinheiros em forma de cogumelo. Basta entrares por aí. A bem dizer só há uma estrada, é para aí que vais. A fábrica fica no lado oposto da floresta. Vá, despacha-te.

Hersch recebeu um volumoso cartão de visita. O homem da barba ruiva puxou com força a mão de Hersch, levando-o até junto de uma carroça decrepita.

— Vá, põe pés a caminho, que ainda temos muito que pintar hoje.

Hersch puxou a carroça. Num piscar de olhos, chegou ao local dos salgueiros em fila, no qual se erguia uma estaca branca.

“Uma floresta em forma de cogumelo... por acaso existirão cogumelos deste feitio? Cá para mim, aquele homem nunca aqui esteve”.

Enquanto virava para a estrada rumo à floresta, Hersch examinou o enorme cartão de visita que recebera do homem.

¹ A presente tradução adopta como norma o Português Europeu (Portugal). Por esse motivo, registam-se, no texto, algumas diferenças aos níveis ortográfico (adotar x adoptar), lexical (usina x fábrica) e sintáctico (Ele se emocionou x Ele emocionou-se). Considerando que a riqueza da língua portuguesa reside na sua diversidade, o tradutor optou pela preservação do Português Europeu, sua variedade nativa, no trabalho submetido.

“EMPREENHIMENTOS EM ENGENHARIA CIVIL (Construção, Planeamento, Trabalhos, etc). Nijini Harau”

“Bem, vai ser a primeira vez que verei essa tal fábrica de terebentina”.

Hersch puxou a carruagem até junto de uma floresta de pinheiros verdes. Ao odor refrescante da resina, juntava-se o canto desapaixonado de pássaros. O trilho por pouco não o permitia passar com a carroça. Do trilho, brotavam duas fileiras de arnoglossas. O dia alternava constantemente entre solarengo e enublado, e com ele o solo doirado do trilho, ora luzente, ora sombrio.

Subitamente, Hersch apercebeu-se da presença de uma criancinha de cabelos encaracolados, que trajava roupa azul clara de marinheiro e segurava uma pistola de ar comprimido. Em pé junto de uma moita de rosas, a criança mirava Hersch puxando a carroça. perante o olhar indiscreto da criança, Hersch deu por si rindo.

Todavia, ao ouvir o seu riso, a criança esboçou uma careta de enfado. Hersch aproximou-se da criança. Sem que tal o fizesse prever, a criança gritou:

— Deixa-me andar na tua carroça!

Hersch parou.

— Esta carroça estremece imenso. Não tem problema, rapaz?

— Mesmo que trema muito, eu não tenho medo! — gabou-se a criança, altiva.

— Se não tens mesmo medo, sobe para a carroça. Upa. Isso... Segura-te como deve ser. Poisa a pistola à tua frente... Muito bem. Vá, aqui vamos nós.

Mantendo os olhos fixos na retaguarda, Hersch começou a puxar a carroça vagarosa. A criança torcia os lábios, insinuando um receio ligeiro; a carroça oscilava mais do que a criança pensara. Não obstante, a criança agarrou-se à carroça com todas as suas forças. Hersch arrastou a carroça a um ritmo crescente, veloz. À medida que o caminho se estreitava, as rodas da carroça iam calcando as ervas que cobriam as margens do trilho. De cada vez que tal sucedia, a carroça estremeceva clangorosamente. A criança segurava-se à carroça com o maior dos esforços. O trilho foi-se tornando mais exíguo, ao ponto de só o seu centro apresentar uma reentrância.

Hersch parou a carroça e, virando a cabeça, olhou para a criança.

— Apanha um pardal para mim! — suplicou o menino.

— Apanhá-lo-ei assim que chegarmos ao outro lado. Ou, por acaso, pretendes descer aqui? — perguntou Hersch, fitando o céu azul-claro que resplandecia no lado oposto da floresta de pinheiros.

— Não, não vou descer aqui — retorquiu a criança, agarrando a carroça firmemente.

Hersch puxou de novo a carroça.

Parecendo-lhe que a carroça oscilava demasiado, Hersch olhou para trás, apenas para constatar que a parte inferior de duas rodas se havia deformado, assumindo o formato de uma cunha.

“Deve ser culpa da depressão no meio da estrada. A carroça deve ter-se avariado em algum lado”, cogitou Hersch, parando. Poisou tranquilamente o guiador e investigou a carroça em silêncio. Com isso, reparou que faltava a cunha de uma das rodas.

— Rapaz, é melhor desceres da carroça; está avariada, é perigoso ficares aí.

— Nem pensar!

— Já vi que não tenho outra escolha — murmurou Hersch, olhando as proximidades em seu torno. Tornava-se evidente que a própria roda poderia desprender-se se não tomasse as devidas precauções.

— Então espera um pouco, rapaz. Vou procurar uma corda — instruiu Hersch.

À esquerda, imediatamente à sua frente, Hersch encontrou um pequeno trilho, pelo qual seguiu caminho. Aquele trilho parecia conduzir a uma casa de agricultores, que ficava do lado oposto da floresta. Hersch estugou o passo, percorrendo o trilho. Ao longe, havia molhos de trigo dependurados. No lado contrário, via-se uma casa com um telhado vermelho, um poço e um salgueiro, refulgindo, brilhantes, a luz do sol.

Debaixo dos molhos de trigo, Hersch avistou uma corda caída. Quando Hersch se agachou, preparando-se para apanhar a corda, ergueu-se, detrás de si, a voz de uma mulher alta:

— O que é que pensa que está a fazer? Não faça suas as coisas dos outros.

Surpreso, Hersch virou-se para trás. Atrás de si, viu uma estalajadeira do campo, mulher de semblante rúbeo e estatura alta.

Nervosamente, retrucou Hersch:

— Sabe... é que a minha carroça avariou-se. Deixe-me ficar com a corda, por favor. Mais tarde, farei tudo o que estiver ao meu alcance para lhe retribuir a gentileza.

— Não pode ser. As pessoas da cidade são todas assim: silenciosas, roubam cordas que outros entrelaçaram com toda a dedicação.

Desconsolado, Hersch pousou a corda no mesmo local e voltou para junto da carroça.

A estalajadeira persistia em resmungar.

“Não tenho alternativa. Aquela corda demorou-lhe uma hora a entrelaçar. Por ela, é natural que se exalte”, pensou Hersch, cerrando os olhos.

“Para onde terá caído a cunha da roda? O melhor a fazer é ir procurá-la”.

Hersch retornou à carroça e dirigiu-se ao local do qual viera. Já no local, começou a investigar o paradeiro da cunha.

— Despacha-te! Vem para aqui! — exclamou a criança, que esticava as pernas, sentada sobre a carroça.

Hersch encontrou a cunha ali bem perto, esquecida no seio das arnoglossas.

— Aqui está! Sã e salva — Hersch experimentou inserir a cunha na roda da carroça.

— É melhor não a pores já. Há um rio já ali à frente — avisou a criança.

Rindo, Hersch inseriu a cunha, esfregando nas ervas a mão tingida de óleo.

— Bem, vamos lá.

A carroça moveu-se novamente. Tal como a criança indicara, havia um rio nas proximidades, onde dois pinheiros faziam o papel de ponte.

“Ah... o rapaz disse-me para não pôr logo a cunha, para que as rodas se inclinem em baixo, e, assim, possamos atravessar a ponte”, concluiu Hersch, rindo.

Como a profundidade da água era pouco mais de seis centímetros, Hersch puxou a carroça e transpôs o rio. O cascalho rangeu. A criança agarrava-se à carroça com todas as suas forças, o seu vigor crescendo.

Passado algum tempo, avistou-se uma fábrica de terebentina na extremidade da floresta de pinheiros. A fragrância da resina impunha-se, silenciosa. Fumo esverdeado elevava-se rumo aos céus, dos quais descendia a radiosa luz do sol.

Hersch parou a carroça à entrada da fábrica e gritou:

— Vim buscar terebentina para a caserna!

O mestre-de-obras, que era também operário, surgiu do interior da fábrica, rindo.
— Peço desculpa, tinha intenção de ir já fazer a entrega, mas estava muito ocupado.
— Ora essa. Vim apenas porque me pediram.
— Ai sim? Então, dou-lhe já a terebentina...
Disse o mestre-de-obras à criança:
— Epá, onde é que se meteu?
— É uma carroça muito lenta — replicou a criança.
— Isso é que é pior!

O mestre-de-obras gargalhou, acompanhado por Hersch.

“*Que interessante*” considerou Hersch. “*Brincando e trabalhando ao mesmo tempo, compensou-se a má disposição de uma manhã sem trabalho*”.

FIM

ANDRÉ PINTO TEIXEIRA nasceu em Lisboa, Portugal, em 1993. Em 2014, licenciou-se em Estudos Asiáticos pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Em 2015, ingressou no Mestrado em Linguística na mesma instituição. Estudou na Universidade de Waseda, em Tóquio, onde se especializou em língua japonesa, língua com que trabalha como tradutor e formador freelance. No seu currículo enquanto autor, constam várias distinções em prémios literários, das quais se destacam uma Menção Honrosa no IX Prémio Literário José Luís Peixoto (Prosa, 2015) e uma Menção Especial do Júri no Prémio Maria Amália Vaz de Carvalho (Prosa, 2016), pelo romance *No Berço das Estrelas*. É co-autor da antologia de contos *Mens Sana* (Edições Livros de Ontem/ Fundação S. João de Deus, 2016).

QUEM FOI YOSHIO TAKEMOTO
DADOS BIOGRÁFICOS

- Nasceu em 15/10/1911, na província de Okayama, cidade de Okuyoshihara, bairro de Kumayama, Japão.
- Em 1930, aos 19 anos de idade, emigrou para o Brasil, estabelecendo-se no núcleo de colonização Primeira Aliança, município de Mirandópolis, região noroeste do estado de São Paulo.
- Em 1935, mudou-se para a cidade de São Paulo, sendo contratado para lecionar língua japonesa na escola *Guiossei Gakuen*. Nessa época, também exerceu o cargo de redator da revista cultural *Kooya no Hoshi*.
- Em 1936, tornou-se membro-fundador da *São Paulo Tanka-kai* (associação de praticantes de poesia *tanka*).
- Em 1937, tornou-se membro-fundador da revista cultural *Tihei-sen*, ocupando o cargo de tesoureiro.
- Em 1938, tornou-se membro-fundador da revista *Yashi-ju*, de poesia *tanka*, onde exerceu o cargo de redator (edições 1 até 16).
- Em 1939, tornou-se membro da *Brasil Jiho Kadan* (coluna de *tanka* do jornal *Brasil Jiho*), exercendo o cargo de selecionador de *tanka*.
- Em 1940, tornou-se redator da revista *Kodomo no sono* (revista para adolescentes nisseis).
- De 1941 a 1948, período que inclui a II Guerra Mundial, morou em Mogi das Cruzes, SP, onde lecionou língua japonesa.
- Em 1949, retornou à cidade de São Paulo, passando a ocupar o cargo de mestre selecionador de poesia *tanka* na coluna *Nippaku Kadan* do Jornal *Nippaku Shimbun*.
- Em 1956, empregou-se na Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa (*Bunkyo*) como redator da revista *Colônia*.
- Em 1959, foi nomeado redator-chefe da edição do *Nippongo Kyokasho* (livros didáticos para o ensino de língua japonesa adaptados ao panorama brasileiro e voltados a nisseis e sanseis), completando os tomos 1 a 11.
- Em 1966, fundou, como principal membro, a associação *Colônia Bungaku-kai* e, ao mesmo tempo, lançou a revista *Colônia Bungaku*, que foi editada até o tomo 30.
- Em 1974, fundou a revista *Colônia Shiika-kai*, dedicada exclusivamente à poesia em língua japonesa dos gêneros *haiku*, *tanka* e *shi* (livre).
- Em 1979, publicou três tomos do livro *Colônia shoosetsu senshu* (contos).
- Em 1980, fundou a revista *Colônia Shibungaku* (antecessora da revista *Brasil Nikkei Bungaku*, que chegou até a 60ª edição).
- Yoshio Takemoto faleceu em 21/01/1983. Sua sepultura encontra-se no Cemitério da Paz, em São Paulo.
- No mesmo ano de 1983, em homenagem póstuma, a revista *Colônia Shibungaku* lançou o 1º Concurso Literário Yoshio Takemoto.
- Em 21/01/2003, no 20º ano de seu falecimento, foi inaugurada lápide em homenagem ao professor Yoshio Takemoto na Praça Almeida Junior, bairro da Liberdade, cidade de São Paulo.
- 2017 marca a 35ª edição ininterrupta do Concurso Literário Yoshio Takemoto.

HISTÓRIA DA LITERATURA CLÁSSICA JAPONESA

ANDREI CUNHA E MEIKO SHIMON

IDADE MÉDIA JAPONESA

中世

(1192–1603)

A Idade Média Japonesa é o período intermediário entre o classicismo da Era Heian (cultura da corte imperial) e a Era Edo (cultura urbana e samurai). Começa no século XII, com a extinção do clã Heike, e vai até o início do século XVII, com a ascensão de Tokugawa Ieyasu ao xogunato. Durante esse longo intermédio, de muitos conflitos e diferentes formas de governo e desgoverno, o poder imperial se desintegrou aos poucos e se fragmentou nas mãos dos senhores de terras das diferentes regiões. Esses, por sua vez, lutaram entre si quase ininterruptamente pelo poder absoluto sobre o território de todo o país. O Japão só foi finalmente unificado em 1603, quando Ieyasu conseguiu assegurar seu domínio sobre os outros chefes militares.

A literatura, por sua vez, conheceu desenvolvimentos muito importantes. É dessa época a criação do modelo poético japonês mais duradouro: o ideal estético do *Shinkokinshū*, que continuou exercendo influência preponderante até o fim do século XIX. Surge também o teatro mais sofisticado e de maior riqueza literária e intertextual: o drama nô. Sendo tempo de guerra e destruição, duas preferências se verificam: pelas histórias de heróis e batalhas, semelhantes ao épico ocidental (*gunkimonogatari*), que viriam a servir, em seu devido tempo, como grandes narrativas de formação nacional; e pelos textos de teor religioso ou filosófico, lamentando um passado de paz e de harmonia, e pregando o desapego da dimensão material e a busca do sentido da vida na transcendência das coisas deste mundo (como no caso das obras *Tsurezuregusa* e *Hôjôki*).

No fim da Era Heian, a classe militar aumentou seu poder político nas províncias. A classe dos *bushi* era composta por militares armados para defenderem as riquezas de suas terras. Reuniam-se em grupos militares que tinham por cerne as mais influentes famílias nobres do interior, como os Genji (ou Minamoto) e os Heishi (Heike ou Taira).

Na segunda metade do século XI, a força ditatorial dos Fujiwara entrou em declínio. O imperador Shirakawa abdicou ao trono, mas, na qualidade de ex-imperador, continuou a exercer a realidade do poder, a partir do palácio para onde se retirou. Devido a essa forma de fazer política, os cargos de regente e conselheiro, assim como a coroa imperial, tornaram-se meros títulos nominais, e deixaram de ter força política.

Em meados do século XII, um conflito entre um imperador e um ex-imperador acirrou a rivalidade entre diferentes facções do clã Fujiwara. Cada uma dessas facções se aliou a grupos militares Genji ou Heike, e o conflito culminou com batalhas na própria capital (as

revoltas de Hôgen, em 1156, e Heiji, em 1159). A partir dessa época, os guerreiros passaram a ocupar um lugar central no palco político japonês.

Taira no Kiyomori, o líder Heike que derrotou os aliados Genji do ex-imperador durante as revoltas de Hôgen e Heiji, passou a deter a realidade do poder político, no lugar do clã Fujiwara e do ex-imperador. Kiyomori tornou-se chanceler em 1167, e levou os membros de seu clã a postos importantes na corte.

O monge e ex-imperador Goshirakawa, descontente com a maneira de fazer política do clã dominante, convocou, em 1180, o clã dos Genji (que se haviam refugiado no interior, após as revoltas de Hôgen e Heiji) para se oporem aos Heike, dando início ao conflito. Minamoto no Yoritomo, seu irmão mais novo, Yoshitsune, e seu primo Kiso no Yoshinaka atacaram os Heike em todas as regiões do país, e, em 1185, na batalha de Dannoura, o clã dos Heike, derrotado pelo exército de Yoshitsune, foi totalmente extinto.

Yoritomo estabeleceu seu governo em Kamakura, e deu início a sua conquista de todo o território japonês. Antes disso, alegando que seu irmão se havia rebelado contra sua liderança, aniquilou o ramo de Ôshû (da região de Tôhoku) do clã Fujiwara, que estava protegendo Yoshitsune. Em 1192, iniciou um governo militar, ao receber da corte imperial o título de *seii taishôgun*¹. Nesse mesmo ano, determinou que a capital de seu governo seria em Kamakura. A sede política desse tipo de governo é chamada de *bakufu*². O xogunato de Kamakura, fundado por Yoritomo, durou cerca de 140 anos. A essa época chamamos de **Era Kamakura**³.

No oeste, Quioto, a capital desde os tempos antigos, renascia culturalmente. Um dos grandes responsáveis por esse renascimento foi o ex-imperador Gotoba, que, seguindo o modelo dos imperadores Daigo e Murakami da Era Heian, autorizou Fujiwara no Teika e outros poetas a compilarem e criarem o *Shinkokin'wakashû* (新古今和歌集, **Nova Antologia de Waka Antigos e Modernos**). Esse período, em que o imperador Gotoba estava no poder, é chamado de **Período Shinkokin** no campo da literatura, e seu maior mentor foi o pai de Teika, Fujiwara no Shunzei. A prosa também teve obras de grande destaque, dentre elas o *Hôjôki* (方丈記, **Relatos da Cabana de Nove Metros Quadrados**), de autoria de Kamo no Chômei, uma meditação sobre a transitoriedade das coisas deste mundo.

Após a morte de Yoritomo, seu primogênito, Yoriie⁴, sucedeu-o no cargo de xogum, mas foi assassinado, e a realidade do poder político passou para as mãos do clã Hôjô⁵, a família paterna de Masako, viúva de Yoritomo. O terceiro xogum da Era Kamakura, Minamoto no Sanetomo⁶, segundo filho de Yoritomo e Masako, era um entusiasta da cultura da capital e, durante seu governo, continuou a seguir o modelo de waka de Teika e do ex-imperador Gotoba. Porém, treze anos após ter assumido o poder, Sanetomo foi assassinado, e os Hôjô convidaram um príncipe da casa imperial para tomar seu lugar. O cargo de xogum passou a ter valor nominal, enquanto a família Hôjô ocupava o comando real dos cargos executivos.

Mesmo com todas as reviravoltas políticas, Quioto não perdeu sua posição como base cultural. Tanto na corte como em seus arredores, a literatura prosperou muito no período em

¹ *Seii taishôgun* [征夷大將軍]. “Generalíssimo conquistador dos bárbaros”.

² *Bakufu* [幕府]. Traduzido como “xogunato”, em português.

³ Era Kamakura [鎌倉時代] (1192–1333).

⁴ Minamoto no Yoriie [源頼家] (1182–1204).

⁵ Clã Hôjô [北条氏].

⁶ Minamoto no Sanetomo [源実朝] (1192–1219).

que o ex-imperador Gosaga⁷ deteve o poder. São dessa época obras como *Towazugatari* (とほすがたり, **Contando histórias que ninguém me pediu**) da Dama Nijô⁸ e *Tsurezuregusa* (徒然草, **Escritos de Ócio**) de Yoshida Kenkô.

Em pouco tempo, o príncipe que ocupava o cargo de xogum tornou-se uma marionete inútil nas mãos do clã Hôjô, e o ex-imperador Gosaga, que finalmente havia criado uma forma de interferir nos assuntos de sucessão do poder, faleceu. Com isso, o trono passou a ser ocupado alternadamente pela facção de Jimyôin⁹, que defendia a linhagem do imperador Gofukakusa¹⁰, e pela facção de Daikakuji¹¹, que apoiava a linhagem do imperador Kameyama¹², em um sistema de dupla linhagem, que aprofundou a divisão da corte e da nobreza.

O imperador Godaigo¹³, ao constatar que a classe guerreira estava descontente com o clã Hôjô, reuniu forças militares junto aos membros das grandes famílias, e deu início a uma luta contra o xogunato de Kamakura. Com a ajuda de guerreiros como Ashikaga Takauji¹⁴ e Kusunoki Masashige¹⁵, advindos de outras regiões, Godaigo realizou o desejo antigo do ex-imperador Gotoba e derrubou o xogunato de Kamakura no ano de 1333. Chega assim ao fim a Era Kamakura, e a primeira fase da Idade Média japonesa.

HEIKE MONOGATARI 平家物語 História dos Heike

O principal gênero literário da Idade Média japonesa é o *gunkimonogatari*, a narrativa de guerra. Dentre os principais títulos, podemos citar: *Hôgen Monogatari* (保元物語, **Narrativa do Período Hôgen**, anônimo, depois de 1220), que descreve os acontecimentos da Revolta de Hôgen, concentrando-se na figura heroica de Minamoto no Tametomo¹⁶; *Taiheiki* (太平記, **Narrativa da Grande Paz**; provável autor: Kojima Hôshi¹⁷; c. 1375), que narra a guerra civil entre as cortes do norte e do sul, desde as primeiras tentativas para derrubar o xogunato de Kamakura até a ascensão de Ashikaga Yoshimitsu¹⁸; e *Gikeiki* (義経記, **História de Yoshitsune**, anônimo, 1411), que conta a vida trágica de Minamoto no Yoshitsune.

As narrativas *gunkimonogatari* tiveram profunda influência na produção artística japonesa, e foram retomadas pela literatura de todas as fases posteriores, tendo sido adaptadas para o teatro, e tendo diversos de seus episódios escolhidos para tema de pinturas, filmes e

⁷ Imperador Gosaga [後嵯峨天皇] (1230–1272).

⁸ Dama Nijô [後深草院二条, Gofukakusain no Nijô, ou “Dama da Segunda Avenida”] (1258–1307).

⁹ Jimyôin [持明院統]. A denominação dessa linhagem e de seus apoiadores se originou do nome da residência do ex-imperador Gofukakusa, o templo Jimyôin, em Quioto.

¹⁰ Imperador Gofukakusa [後深草天皇] (1243–1304).

¹¹ Daikakuji [大覚寺統]. A denominação dessa facção teve por base o nome do templo que serviu de residência para os ex-imperadores Kameyama e Gouda, no caso, o Daikakuji.

¹² Imperador Kameyama [龜山天皇] (1249–1305).

¹³ Imperador Godaigo [後醍醐天皇] (1288–1339).

¹⁴ Ashikaga Takauji [足利尊氏] (1305–1358).

¹⁵ Kusunoki Masashige [楠正成] (?–1336).

¹⁶ Minamoto no Tametomo [源為朝] (1138–1177?).

¹⁷ Kojima Hôshi [小島法師, monge Kojima] (?–1374).

¹⁸ Ashikaga Yoshimitsu [足利義満] (1358–1408).

músicas. Concentram-se na ideia de que tudo deve passar, e têm por base o desejo de registrar para a posteridade o nome dos personagens do passado, para que não caiam no esquecimento. A contação dessas histórias tinha por objetivo o apaziguamento das almas dos mortos.

A narrativa militar mais importante é *Heike Monogatari* (平家物語, **História dos Heike**), que narra a ascensão e queda do clã Taira. Esse livro é considerado, juntamente com **O Romance do Genji**, como uma das obras-primas da literatura japonesa. Há muitas teorias sobre quem teria sido o autor de **História dos Heike**. O escritor Yoshida Kenkô, em sua obra *Tsurezuregusa*, afirma:

Yukinaga, ex-administrador de Shinano, compôs essa narrativa e mandou que Shôbutsu, um monge cego, cantasse o texto. [...] Shôbutsu, que era um homem do leste, informou-se com os soldados daquela região sobre os feitos militares e as façanhas da guerra, e pediu a Yukinaga que os anotasse. Os monges cegos de hoje imitam a voz natural de Shôbutsu.

(YOSHIDA Kenkô. *Tsurezuregusa*, Seção 226)

O monge cego a que se refere Yoshida Kenkô é um *biwa hōshi*, um artista que vive uma vida ascética e se dedica a cantar narrativas com acompanhamento de *biwa*¹⁹. Acredita-se que o provável autor, Nakayama Yukinaga²⁰, tenha pertencido à baixa nobreza do clã Fujiwara. Era um erudito, conhecido por ser excelente dançarino; por algum motivo, tornou-se monge. Como era pessoa de ampla cultura, é plausível que tenha tido capacidade de escrever uma obra tão cheia de referências como **História dos Heike**.

Tendo o texto de Yukinaga como ponto de partida, a narrativa foi sendo incrementada por várias pessoas, e acabou se tornando uma história longa, tal como é conhecida hoje. Devido à forma como a história foi transmitida, surgiram muitas diferenças, que resultaram em diversas versões. O texto de partida tinha três volumes; no entanto, no período entre 1219 e 1243, ele passou a ter 12 volumes. O *Heike Monogatari* que conhecemos hoje é essa versão. Dentre as outras versões dessa narrativa, uma ganhou status de obra independente: *Genpei Seisuiiki* (源平盛衰記, **Ascensão e Queda dos Genji e dos Heike**, de 20 volumes), concluída no final da Era Kamakura.

Heike Monogatari foi escrito utilizando a linguagem *wakan konkōbun*²¹. As cenas de batalhas foram escritas num estilo que utiliza muitas palavras de origem chinesa, o que dá bastante impacto à narrativa; as cenas líricas, por sua vez, têm um estilo mais suave, utilizando palavras de origem japonesa e a métrica tradicional de 7-5 sílabas, que conferem maior emotividade ao texto. No trecho abaixo, o primeiro parágrafo da obra, repare como as palavras de origem japonesa dão sonoridade e ritmo, e as de origem chinesa, força e profundidade, à reflexão sobre a impermanência da vida e a irrelevância das vaidades humanas:

Gion shōja no kane no koe, shogyō mujō no hibiki ari. Shara sōju no hana no iro, jōsha hissui no kotowari wo arawasū. Ogoreru hito mo hisashikarazu, tada haru no yoru no yume no gotoshi.

¹⁹ *Biwa* [琵琶]. Instrumento musical de cordas semelhante a um alaúde, tocado com um grande plectro.

²⁰ Nakayama Yukinaga [中山行長] (?).

²¹ *Wakan konkōbun* [和漢混交文]. Estilo de escrita que mistura *kanji* e *kana*.

Takeki mono mo tsui ni wa horobinu, hitoe ni kaze no mae no chiri ni onaji.

(**Heike Monogatari**, v.1, “Gion shôja”)

Os sinos do templo Gion ecoam a impermanência de todas as coisas. As cores das flores da árvore de sala²² anunciam: mesmo os prósperos devem perecer. Nem os orgulhosos permanecerão: sua glória é um sonho de noite de primavera. Mesmo os poderosos perecem no final: são a mesma poeira diante do vento.

Essas linhas iniciais, conhecidas por praticamente todos os japoneses, expressam ideias filosóficas e religiosas, pois o pensamento budista da época era difundido e compartilhado por todos. A trajetória das personagens demonstra os conceitos éticos budistas de *shogyô mujô*, *jôsha hissui* e *inga ôhô*. O primeiro significa “todas as coisas são impermanentes”; o segundo, “todos os poderosos devem um dia perecer”. O terceiro conceito se refere ao “princípio de causa e efeito” — ou seja, toda ação humana tem suas consequências.

Kiyomori representa, na trama do texto, os homens “prósperos, orgulhosos e poderosos” mencionados no parágrafo inicial da obra. Ele e sua família conhecem a glória e o esplendor, mas estavam, desde o início, marcados pelo princípio da impermanência, e são destinados a, no fim, decaírem e perecerem. Kiyomori sucumbe a uma alta febre, e o seu clã, sem sustentáculo central, perde o poder político rapidamente.

Resumo do *Heike Monogatari*

Primeira Parte (Volumes 1 a 5): ascensão e glória de Taira no Kiyomori

O **Volume 1** começa com a meditação sobre o sino do templo Gion e a impermanência das coisas. Em seguida, apresenta o personagem central da primeira parte da narrativa, Taira no Kiyomori. Quando houve conflitos em torno da sucessão imperial e do controle do poder (as revoltas de Hôgen e Heiji), o clã Heike utilizou a força militar para conter as revoltas, obtendo, assim, a confiança do imperador, e ascendendo a cargos importantes. Em seguida, Kiyomori, seguindo uma estratégia utilizada historicamente pelos Fujiwara, casou sua filha Tokuko (designada, bem mais tarde na narrativa, como Kenreimon'in) com o imperador. O filho desse casal se torna o imperador Antoku, e Kiyomori toma para si, na qualidade de avô materno do imperador, a realidade do poder.

A História de Giô

Kiyomori mandava e desmandava no lugar do imperador, e seu comportamento era cada vez mais egocêntrico e tirânico. Um exemplo disso é a história da dançarina Giô. Na capital, duas dançarinas *shirabyôshi*²³, as irmãs Giô e Ginyo, faziam grande sucesso. Kiyomori se apaixonou por Giô, e a levou para viver em seu palácio. Devido a isso, a

²² Árvore de sala [娑羅双樹, *shara sôju*]: *Shorea robusta*, árvore alta e admirada por sua beleza.

²³ *Shirabyôshi* [白拍子]. Mulheres que cantavam e dançavam em festas, nas eras Heian e Kamakura; no começo, travestidas de homem, e, mais tarde, vestidas de quimono branco e *hakama* vermelho, com um gorro *eboshi* masculino.

popularidade de Ginyo também aumentou. Além disso, Kiyomori proporcionava à mãe das duas, Toji, que também era *shirabyôshi*, uma vida confortável e sem preocupações financeiras. No entanto, as dançarinas se tornaram alvo da inveja das outras *shirabyôshi* da cidade.

Três anos depois, surgiu na capital uma dançarina de dezesseis anos, de nome Hotoke²⁴, sobre a qual se afirmava que era a melhor *shirabyôshi* que já se havia visto. Mas Hotoke não se contentava apenas com a aclamação dos admiradores e, manifestando o desejo de dançar na presença de Kiyomori, foi ter em seu palácio. Ele se irritou com a insolência de Hotoke, afirmando que não a convidara a sua casa, onde já havia Giô, sua protegida, e mandou expulsá-la. No entanto, Giô, apiedada da outra dançarina, procurou acalmar a ira de seu senhor, argumentando que era comum que uma *shirabyôshi* visitasse clientes em potencial, e que, além disso, Hotoke era muito jovem. Que Kiyomori ao menos concordasse em vê-la, era tudo o que pedia. O grande senhor assentiu, e Hotoke cantou uma *imayô*²⁵ e apresentou um número de dança em sua presença, conquistando imediatamente o coração de Kiyomori com sua beleza e grande habilidade artística. O grande senhor ordenou à dançarina que viesse viver no palácio. No entanto, Hotoke ficou constrangida, pois não desejava prejudicar Giô, que havia sido tão bondosa com ela, permitindo seu encontro com Kiyomori. “Neste caso, saia Giô, já!”, ordenou Kiyomori, e ela foi expulsa do palácio.

Banhada em lágrimas, Giô, que havia vivido três anos de felicidade naquele lugar, deixou um poema rabiscado no *fusuma*²⁶ de seu quarto.

*moeizuru mo karuru mo onaji nobe no hana izure ka aki ni awade
hatsubeki*

Ervas do mesmo campo,
Brotamos na primavera
E morremos no inverno —
Como irei eu desaparecer
Sem no outono te rever?

De volta à casa da mãe, Giô passava os dias em pranto. Toji já não recebia as provisões que antes vinham todos os meses, e a vida tornou-se difícil. Quando a notícia se espalhou de que havia sido dispensada por Kiyomori, surgiram muitos convites para Giô, mas ela se recusava a voltar à vida de diversões como dançarina.

No ano seguinte, um mensageiro de Kiyomori apareceu à porta de Toji.

— Hotoke se encontra muito triste, muito deprimida. O senhor ordena que Giô venha ao palácio dançar e cantar para ela, para que se alegre.

Giô se recusou a atender a uma ordem tão sem coração, mas logo em seguida veio outra mensagem, com um tom ameaçador. Pensando no conforto de sua mãe, Giô decidiu obedecer à ordem de Kiyomori. No entanto, ao chegar à residência de Kiyomori, foi levada, não a um aposento nobre, no interior do palácio, como antes, mas a um salão na entrada. Hotoke tentou argumentar com Kiyomori para que a dança ocorresse em um lugar mais digno, porém não foi ouvida e, muito envergonhada, temia até mostrar seu rosto a Giô.

Insensível a todas as aflições de Giô, Kiyomori perguntou:

²⁴ *Hotoke* [火土]. Buda, em japonês.

²⁵ *Imayô* [今様]. Canção popular da época. A letra era composta de 4 versos com 7 e 5 sílabas, e cantava-se duas vezes.

²⁶ *Fusuma* [襖]. Um tipo de porta de correr.

— Como tem passado? Cante então, para alegrar a Hotoke.
Contendo as lágrimas, Giô entoou duas vezes a seguinte *imayô*:

*hotoke mo moto wa bonpu nari, warera mo tsui niwa hotoke nari
izure mo busshô guseru mi wo, hedatsuru nomi koso kanashikere*

Buda foi, antes, um homem comum.
Nós, também, um dia, seremos Buda.
Ambas possuímos a mesma natureza búdica,
Mas, que triste! Um abismo nos separa.

E os importantes homens e mulheres que se encontravam ali, os nobres e samurais, todos sem exceção choraram, emocionados com a canção de Giô. Kiyomori também, aplaudindo muito, disse-lhe que, daquele dia em diante, podia vir quando quisesse, mesmo sem ser chamada, para cantar, dançar e alegrar Hotoke.

Ao voltar à casa da mãe, Giô, com o coração despedaçado, declarou preferir a morte a ter de dançar mais uma vez no palácio de Kiyomori. Disse ainda que preferiria se atirar de um precipício. Ginyo disse que, sendo assim, ela pularia junto. E Toji juntou-se a elas, dizendo ser responsável por tanto sofrimento, e que queria morrer com as filhas. Mas, logo em seguida, as filhas se deram conta de que seria pecado cometer suicídio tão jovens, e obrigar a mãe a morrer junto. Decidiram que o melhor seria as três se tornarem monjas. No interior de Saga, em um lugar isolado, construíram uma cabana, determinadas a viverem o resto de seus dias recitando os sutras.

Naquele mesmo ano, num anoitecer de outono, as três mulheres ouviram alguém bater à porta de sua cabana. Temendo que fosse um demônio ou um espírito mau, foram averiguar, e viram que se tratava de Hotoke. Esta lhes disse que, naquele dia em que Giô se apresentara no palácio, compreendera o destino que a aguardava: de um dia ser dispensada por Kiyomori. As palavras do poema que Giô havia escrito no *fusuma* calaram fundo em seu coração. Ao ouvir, mais tarde, que as três mulheres haviam se tornado monjas, teve inveja de sua determinação e pediu a Kiyomori que a liberasse para se tornar monja também. Mediante a recusa do grande senhor em dispensá-la, Hotoke fugiu naquela manhã e foi em busca da salvação de sua alma.

Ao terminar seu relato, Hotoke retirou o manto que cobria sua cabeça, e as três mulheres puderam ver que ela tinha cortado o cabelo²⁷.

— Se me permitirem ficar aqui, vamos rezar ao Buda, e renascer no Nirvana, todas juntas. Senão, irei sozinha pelos caminhos, recitando os sutras, até que venha a cair na beira da estrada, em busca da Terra Pura — disse Hotoke, aos prantos.

Giô, muito comovida, esqueceu os seus ressentimentos, e, desde então, as quatro mulheres viveram o resto de suas vidas naquela cabana, entoando os sutras. Todas tiveram uma morte tranquila.

Os **Volumes 2 e 3** têm por principal foco narrativo uma conspiração contra os Taira (o Complô de Shishigatani²⁸), organizada pelo ex-imperador Goshirakawa e outros membros

²⁷ Ou seja, ela se tornara monja.

²⁸ O Complô de Shishigatani [鹿ヶ谷の陰謀] (1177), ou ainda Incidente de Shishigatani [鹿ヶ谷事件], recebeu esse nome devido à localização da residência onde os conspiradores tramaram seu plano, em Shishigatani [鹿ヶ谷], nas montanhas de Quioto.

da corte. A narrativa ainda descreve a devassa dessa conspiração e o destino dos conspiradores.

Shunkan e a Ilha dos Ogros

Shunkan²⁹ era um monge a serviço do ex-imperador Goshirakawa. Em 1173, houve uma reunião secreta na casa de Shunkan, em Shishigatani, para planejar a destruição dos Taira. No entanto, os Taira ficaram sabendo do complô por um informante. Muitos dos que participaram da inconfidência foram condenados à morte; muitos de seus parentes, banidos. Shunkan foi exilado para a ilha de Kikaigashima³⁰, com seus companheiros Fujiwara no Naritsune³¹ e Taira no Yasuyori³².

Shunkan, Naritsune e Yasuyori passavam os dias do exílio em Kikaigashima, sempre com saudades da capital. Naritsune e Yasuyori se tornaram fervorosos devotos da fé budista, escrevendo mil tabuinhas com frases de devoção e lançando-as ao mar. Mas Shunkan não se juntou a eles nas orações. Um dia, uma das tabuinhas chegou à ilha de Itsukushima, em Akinokuni³³. Kiyomori, ao saber do ocorrido, outorgou um indulto em favor de Naritsune e Yasuyori, para assegurar bons auspícios ao parto da imperatriz Tokuko. Temia-se pela sua vida e a de seu filho, pois se acreditava que os espíritos dos mortos na Revolta de Hôgen, as almas vivas dos exilados de Kikaigashima e a alma penada de Narichika tinham raiva de Kiyomori e do imperador.

Assim, um dia chega à ilha de Kikaigashima um mensageiro, carregando o documento de indulto. Os exilados acorrem, entusiasmados. No entanto, só há perdão para dois nomes: Naritsune e Yasuyori. Shunkan não havia sido perdoado — a razão alegada, de que ele fora um dos instigadores da trama contra os Taira. Na hora do barco deixar a praia, Shunkan agarra a corda, não solta a amurada, e implora que o levem também, que não o deixem ali. Mas o barco vai. Shunkan sobe em uma rocha da praia. Vendo o barco partir, berra que não o deixem, grita que o levem dali. Por algum tempo ainda, semanas, meses, anos, alimenta a ilusão de que os que voltaram à cidade mandarão alguém que o busque; depois, convencido de que nada acontecerá, recusa a comida, e se mata de fome.

A imperatriz Tokuko dá à luz um menino, que se torna imperador, graças às manobras políticas de Kiyomori, aos três anos de idade: o imperador Antoku³⁴. E assim, foi aumentando a cada dia o número de pessoas que odiavam os Heike.

O **Volume 4** narra as circunstâncias que causaram o conflito declarado entre os Taira e os Minamoto, a começar pela Batalha de Uji.

²⁹ Shunkan [俊寛] (1143–1179).

³⁰ Kikaigashima [鬼界ヶ島], “Ilha do Mundo dos Demônios” ou “dos Ogros”. Sua verdadeira localização nunca foi descoberta, porém acredita-se que seja uma referência a uma ilha desolada do sul de Kyûshû, ou outra do arquipélago de Ogasawara, chamada de Iwojima (硫黄島, “Ilha do Enxofre”).

³¹ Fujiwara no Naritsune [藤原成経] (1156–1202) era filho do líder do complô, Fujiwara no Narichika [藤原成親] (1138–1177), e genro de Taira no Norimori [平教盛] (1128–1185), que era irmão mais novo de Kiyomori. A pedido de Norimori, Kiyomori permitiu que Naritsune ficasse temporariamente sob a custódia de Noritsune, na casa deste último. Alegando que a esposa de Naritsune estava quase a ponto de dar à luz, Norimori implorou que Kiyomori não o mandasse matar; por isso, foi depois exilado em Kikaigashima. Narichika foi mais tarde assassinado.

³² Taira no Yasuyori [平康頼] (?).

³³ Itsukushima [厳島], ilha sagrada localizada na atual província de Hiroshima, onde fica o santuário de Itsukushima, dedicado aos deuses protetores do clã Heike.

³⁴ Imperador Antoku [安徳天皇] (1178–1185).

Yorimasa e o Monstro Nue

Minamoto no Yorimasa³⁵ pertencia ao lado vencedor das revoltas de Hôgen e Heiji; posteriormente, quando os Heike adquiriram a supremacia, passou a atuar como o decano do clã Genji³⁶, permanecendo no centro do cenário político. Era exímio guerreiro, e conhecido por seu talento poético; no entanto, seu cargo na corte era do baixo escalão.

A passagem mais célebre envolvendo Yorimasa é um dos poucos episódios de cunho fantástico da **História dos Heike**. O imperador Konoe³⁷ havia caído enfermo, devido a algo que o assustava todas as noites. Para protegê-lo, foi designado Yorimasa, que era considerado o guerreiro mais valente do clã Genji. Uma noite, quando estava montando guarda no jardim em frente aos aposentos do imperador, uma nuvem negra surgiu a nordeste, de dentro da qual apareceu o monstro Nue³⁸, que tinha cabeça de macaco, corpo de cão-guaxinim, patas de tigre e cauda de serpente. Yorimasa o matou com uma flecha certa e, desde esse dia, o imperador recuperou a saúde. Apesar da importância da façanha, ele ganhou pouco reconhecimento, pois não era do clã Heike.

Quase ao final de sua vida, conseguiu atingir a patente de terceira categoria menor, algo inédito para um guerreiro. Com a crescente insatisfação de todos com a supremacia dos Heike, aliou-se ao príncipe Mochihito³⁹, planejando um levante. No entanto, seus planos foram logo descobertos, e Yorimasa foi obrigado a mobilizar sua tropa prematuramente, o que o levou à derrota na Batalha do Rio Uji e, finalmente, ao suicídio, no Templo Byôdôin. Esta foi a batalha que marcou o início das Guerras Genpei.

O **Volume 5** narra a mudança da capital, arquitetada por Kiyomori, de Quioto para Fukuhara, em 1180. Minamoto no Yoritomo (1147–1199) assume a liderança dos Genji, e conhece uma surpreendente vitória às margens do rio Fuji.

Minamoto no Yoritomo

Yoritomo era o terceiro filho de Minamoto no Yoshitomo, que foi derrotado na revolta de Hôgen. Aos treze anos de idade, perdeu o pai e os dois irmãos mais velhos durante a retirada, sendo capturado. Deveria ter sido condenado à morte, por ser o primeiro na linha de sucessão ao posto de liderança dos Genji, mas foi poupado graças à intercessão de Ikenozenni⁴⁰. Essa monja, madrastra de Kiyomori, teve piedade dele, pois era muito parecido com seu filho, que havia morrido na tenra idade. Com isso, Yoritomo foi exilado em Izu. Não há muitos registros sobre o que teria acontecido com ele até a idade de 31 anos; acredita-se que tenha levado uma vida discreta, como um simples guerreiro do interior, rezando os sutras diariamente, observando o luto pelo seu pai e pelos outros membros do clã. Durante esse

³⁵ Minamoto no Yorimasa [源頼政] (1104–1180).

³⁶ Ele era primo distante do bisavô de Yoritomo.

³⁷ Imperador Konoe [近衛天皇] (1139–1155).

³⁸ Nue [鵺]. Tipo de monstro quimérico japonês, com cabeça de macaco, corpo de cão-guaxinim (*tanuki*, em japonês; *Nyctereutes procyonoides*), cauda de serpente e patas de tigre. O canto agourento do Nue era relacionado ao do tordo-dourado (*Zoothera dauma*; *toratsugumi*, em japonês).

³⁹ Príncipe Mochihito [以仁王] (1151–1180). Terceiro filho do imperador Goshirakawa.

⁴⁰ Ikenozenni [池禪尼, monja de Ike] (?). Madrastra de Kiyomori e mãe de Yoritomo. Também conhecida como Fujiwara no Muneko [藤原宗子].

período, casou-se com Masako⁴¹, filha de Hôjô Tokimasa⁴², que era um potentado local que havia sido designado para vigiá-lo.

Uma carta do príncipe Mochihito ordenando a derrubada do clã Heike foi enviada a diversas facções dos Genji em todo o território. Essa correspondência chegou também às mãos de Yoritomo. Mochihito foi morto na batalha de Uji, mas Yoritomo não tomou partido, e ficou por algum tempo observando o desenrolar dos acontecimentos. Foi quando o monge Mongaku⁴³, que chegara a Izu banido por ser considerado uma ameaça à ordem pública, instigou-o, dizendo: “É chegada a hora de derrotar os Heike, e de vingar a morte de seu pai”. Ele retrucou que não tinha capacidade para isso, e que tinha uma dívida de gratidão para com Kiyomori, pois este lhe havia poupado a vida quando menino. Então, Mongaku foi incógnito até Fukuhara para falar com Goshirakawa, e obteve um decreto ordenando a derrubada do clã Heike. Ao receber o documento, Yoritomo lavou as mãos e a garganta para se purificar, e fez três reverências profundas antes de abrir a carta. Foi só então que decidiu mobilizar suas tropas⁴⁴. No início, dispunha de poucos guerreiros, e pouca perspectiva de vitória; no entanto, à medida que mais pessoas souberam que o líder do clã estava iniciando uma guerra contra os Heike, os Genji de todo o país vieram se juntar a ele, colaborando para que logo seu exército contasse com centenas de milhares de guerreiros.

O Rio Fuji

Ao saber que Yoritomo estava organizando um exército, os Heike imediatamente mobilizaram suas tropas. O generalíssimo era Taira no Koremori⁴⁵, neto de Kiyomori; e o subgeneral era o irmão mais novo de Kiyomori, Taira no Tadanori. Os dois resplandeciam no comando de mais de trinta mil cavaleiros. A caminho da batalha, foram reunindo mais tropas, aumentando o número de soldados para setenta mil; no entanto, como muitos não tinham armas, estavam ali apenas para engrossar as fileiras dos Taira. Na vanguarda ia Koremori. Ao chegarem ao rio Fuji, a marcha foi interrompida, para esperar a retaguarda.

No entanto, Yoritomo os aguardava na outra margem, com duzentos mil cavaleiros treinados e armados. Um viajante, interrogado por um general Taira, afirmou:

— Eu só sei contar até quatrocentos, quinhentos, mil... mas, tendo viajado por sete, oito dias, os campos, as montanhas, os mares, os rios, tudo está coberto de soldados. Há quem diga que são duzentos mil.

Koremori resolveu também se informar com Saitô Sanemori⁴⁶, que, sendo da região leste, conhecia bem a situação lá.

— É verdade que para aqueles lados há muitos exímios arqueiros?

— No leste há muitos arqueiros capazes de atravessarem duas, três armaduras com uma flechada. São bons cavaleiros, que não há o que derrube da montaria, que não deixam tropeçar o cavalo, por pior que seja o caminho. Essa gente do leste, quando está na batalha, se morre o pai vem o filho, se morre o filho, vem quem lhe siga, passando por cima dos mortos. Não desistem da luta. O pessoal do oeste, se morre o pai, tem trégua para o funeral, e só

⁴¹ Hôjô Masako [北条政子] (1156–1225).

⁴² Hôjô Tokimasa [北条時政] (1138–1215).

⁴³ Mongaku [文覚] (1139–1203).

⁴⁴ No ano de 1180. Isso marca o início das chamadas Guerras Genpei [源平合戦], que se estenderam até 1185, ano em que o clã Genji derrotou os Heike na decisiva batalha de Dannoura.

⁴⁵ Taira no Koremori [平維盛] (1157?–1184?). Neto de Kiyomori, filho de seu primogênito, Shigemori.

⁴⁶ Saitô Sanemori [斎藤実盛] (?–1183). Guerreiro que serviu a Minamoto no Yoshitomo, mas, posteriormente, passou a servir aos Taira, lutando ao lado deles nas Guerras Genpei.

depois do período de luto é que voltam para a guerra; se morre o filho, a dor é tão grande, que os pais não retomam as armas. No oeste, se falta arroz, na primavera vão plantar; no outono vão colher, só depois vão lutar; no verão param, que faz calor; no inverno não querem guerra, que faz frio. A gente do leste não tem disso.

Sanemori não dizia isso para assustar ninguém; ele queria que os Taira se preparassem para a batalha. No entanto, sua fala causou pavor entre os guerreiros que a ouviam.

O início da batalha estava marcado para a madrugada seguinte. À noite, os soldados dos Heike olharam para a outra margem do rio e viram muitas fogueiras acesas em toda parte. Imaginaram que todas essas fogueiras eram os Genji se preparando para o embate. Na verdade, eram dos camponeses que haviam fugido, com suas famílias, para as montanhas, e que haviam acendido o fogo para preparar o jantar. Toda essa movimentação aumentava a ansiedade dos Taira.

Um pouco depois da meia-noite, um enorme bando de pássaros aquáticos, que estava reunido em um pântano próximo dali, assustado com algum movimento, bateu em revoada repentina, fazendo imenso barulho, como um trovão ou vendaval. Ao ouvir o som das asas, os Taira fugiram em debandada, pensando se tratar de uma ofensiva dos Minamoto. Deixavam para trás as armas, tomavam os cavalos uns dos outros, dando voltas às estacas das quais haviam esquecido de desamarrar a montaria, e pisoteando na pressa as prostitutas da redondeza que estavam no acampamento, quebrando suas cabeças e pernas com os cascos dos cavalos.

À hora combinada, os duzentos mil homens dos Genji atravessaram o rio, fazendo ecoar no céu da manhã seu temível brado de guerra, e se depararam com um campo de batalha deserto. Os batedores enviados em reconhecimento trouxeram armaduras que haviam sido abandonadas no caminho. Yoritomo desceu rapidamente do cavalo, tirou seu capacete, lavou as mãos e a garganta para se purificar e, voltando-se na direção da capital em profunda reverência, disse:

— Isso não é obra minha, e sim de Hachiman⁴⁷.

Segunda Parte (Volumes 6 a 8): os Genji contra-atacam

O **Volume 6** narra como as revoltas organizadas por aliados dos Genji começaram a se espalhar pelo Japão. Kiso no Yoshinaka conhece novas vitórias contra os Heike. O líder dos Heike, Taira no Kiyomori, adoece e morre.

A História de Kogô

Era uma jovem belíssima, virtuose do *koto*⁴⁸, que vivia na corte do imperador Takakura⁴⁹, e servia à imperatriz Tokuko. Assim que foi vista por Fujiwara no Takafusa, genro de Kiyomori, este a quis ter por amante, mas Kiyomori a afastou do palácio. Nessa mesma época, o imperador andava muito triste, pois uma de suas concubinas preferidas havia morrido. A imperatriz, penalizada ao ver o estado em que ele se encontrava, resolveu distraí-lo, apresentando-lhe uma jovem talentosa e bela. E foi assim que Kogô, que, além de ser muito bonita, tinha grande talento musical, tornou-se amante do imperador.

⁴⁷ Hachiman [八幡神] era o deus tutelar do clã Minamoto.

⁴⁸ *Koto* [箏, também lido como *sô*] é uma harpa horizontal de treze cordas.

⁴⁹ Imperador Takakura [高倉天皇] (1161–1181).

No entanto, o imperador se encantou de tal maneira com Kogô que parecia não se importar mais com a imperatriz, o que deixou seu pai, Kiyomori, mais uma vez furioso, e o levou a expulsá-la de novo do palácio. Com medo de Kiyomori, Kogô se esconde em Saga, a oeste da capital. O imperador, sofrendo com sua ausência, ordena a Minamoto no Nakakuni que a procure em segredo. Numa noite de lua cheia de outono, Nakakuni chega à região onde ela se escondia e, sabendo que Kogô vai ouvi-lo e não resistirá, começa a tocar uma melodia em sua flauta. Dito e feito: ao longe, ouve-se o *koto* executando a composição *Sôfuren* (“Pensando no Amado”); e Nakakuni parte na direção desse som.

Ao chegar à humilde casinha onde se escondia Kogô, Nakakuni faz de tudo para convencê-la a voltar à cidade com ele. Ela resiste, pois sabe que a fúria de Kiyomori era terrível. Mas Nakakuni não tem mais dúvida de que Kogô ama o imperador, depois de tê-la ouvido tocar *Sôfuren*. Por fim, consegue persuadi-la, e ela retorna ao palácio; mas não por muito tempo, pois é denunciada por um bajulador de Kiyomori, que a expulsa mais uma vez, e a obriga a se tornar monja.

A Morte de Kiyomori

O ano de 1180 foi marcado por muitas reviravoltas, tais como a transferência da capital, de Fukuhara para Quioto de volta; o ataque de Yoritomo, seguido do de Kiso Yoshinaka; e o Grande Incêndio de Nara, provocado por Taira no Shigehira⁵⁰ ao atear fogo ao templo Tôdaiji. Em janeiro do ano seguinte, o ex-imperador Takakura vem a falecer, aos 21 anos.

Antes do fim do período de luto, ao final de fevereiro, Kiyomori foi acometido de grave doença. Tinha febre altíssima e não conseguia nem beber água; o calor que emanava de seu corpo era tamanho que as pessoas não suportavam ficar a menos de dez metros dele. Kiyomori só fazia repetir:

— Que calor! Que calor!

Deitaram Kiyomori numa tina de pedra com água gelada trazida do monte Hiei. A água ferveu logo em seguida. Puseram-no debaixo de uma calha, e a água, ao tocar o seu corpo, ricocheteava como que sobre pedra ou ferro quente, transformando-se em chamas e fumaça negra, e se espalhando por todo o palácio. Era uma visão do fogo do inferno.

Na mesma época, a esposa de Kiyomori, a Monja de Segundo Grau⁵¹, teve um sonho terrível. Sonhou que uma carruagem em chamas, sem passageiros, entrava pelo portão do palácio, precedida e seguida de horríveis monstros com corpos humanos e cabeças de boi ou cavalo⁵². A carruagem tinha uma inscrição: MU⁵³. Ela perguntou aonde eles iam, e os monstros responderam:

— O chanceler imperial, o senhor Taira no Kiyomori, cometeu tantos pecados que já passou dos limites; por isso, Enma Daiô⁵⁴ mandou o carro para buscá-lo.

A monja quis ainda saber o que significava a letra inscrita naquela placa.

⁵⁰ Taira no Shigehira [平重衡] (1157–1185). O quinto filho de Taira no Kiyomori.

⁵¹ Monja de Segundo Grau ou Nii no Tsubone [二位の局] (?–1185).

⁵² Em japonês, Gozu [牛頭], o demônio cabeça de boi, e Mezu [馬頭], o demônio cabeça de cavalo. Na tradição budista chinesa, eram carcereiros do Inferno, que buscavam os mortos e os atormentavam.

⁵³ MU [無]. Em japonês, ideograma que indica negação, sendo o equivalente ao prefixo “in-” da palavra “infinito”.

⁵⁴ Enma Daiô [閻魔大王]. Dono do inferno, de acordo com a tradição budista hindu. No Japão, a mitologia o considera como Senhor da Morte. Julga se as pessoas realizaram boas ou más ações em vida.

— Por ter provocado o Grande Incêndio de Nara e destruído o Grande Buda, Kiyomori será condenado ao Inferno Infinito⁵⁵. Mas, como sua vida ainda não chegou ao fim, escrevemos apenas MU, por enquanto.

Nesse instante, ela se acordou. Todos os que ouviam contar o seu sonho ficavam arrepiados de pavor.

Depois disso, ainda se tentou todo tipo de oferenda aos templos: ouro, prata, cavalos, arreios; mandou-se que homens santos fizessem rezas — tudo inútil. No dia 2 do segundo fevereiro de 1181⁵⁶, todos acharam que o momento havia chegado. Sua esposa se aproximou da cabeceira e perguntou:

— O senhor tem algo a dizer antes do fim?

Com imenso esforço, Kiyomori respondeu:

— Não há nada nessa vida que eu tenha desejado fazer e que não tenha feito. Tenho apenas uma insatisfação: de não ter visto a cabeça cortada de Yoritomo. Depois da minha morte, não quero cerimônias. Não percam tempo com isso, só mandem alguém a Kamakura cortar a cabeça desse maldito e depois vir depô-la diante do meu túmulo.

E todos comentavam que no mundo não havia palavras mais cheias de pecado do que essas.

Morreu dois dias depois, ao cabo de sofrimentos indizíveis. Mesmo tendo sido o mais poderoso dos homens, seu corpo se transformou em fumaça no monte Atago, e por um instante pairou sobre a capital antes de se desvanecer. Seus ossos foram depositados em um túmulo em Fukuhara, e por fim voltaram a ser pó.

O **Volume 7** narra as batalhas de Kurikara e de Shinohara. Os Heike são derrotados e obrigados a fugirem da capital, levando consigo o imperador Antoku e os três Tesouros Imperiais.

O **Volume 8** narra os abusos do exército de Kiso no Yoshinaka. Sendo mais destemido do que Yoritomo, consegue várias vitórias seguidas, e chega a ser chamado de “xogum do sol nascente⁵⁷”, aproximando-se cada vez mais da capital. Com isso, os Heike abandonam Quioto e, levando consigo o imperador Antoku, retiram-se para a região oeste. Yoshinaka faz uma entrada triunfal na cidade, mas ele próprio e seus guerreiros, vindos do interior, ignoram as regras de etiqueta, ao realizarem saques e outros atos de violência, perdendo logo a simpatia do imperador, dos nobres e da plebe.

Terceira Parte (Volumes 9 a 12): o declínio dos Heike

No **Volume 9**, o ex-imperador Goshirakawa solicita a Yoritomo que derrote Yoshinaka. Yoritomo, considerando que Yoshinaka era uma vergonha para todo o clã Genji, devido a seu comportamento condenável na capital, envia um grande exército a Quioto, comandado por seus irmãos, Noriyori e Yoshitsune. Yoshinaka é derrotado em batalha ao sul da capital e foge, protegido pelos poucos cavaleiros de seu exército que haviam sobrevivido. No entanto, acaba sendo abatido por uma flecha dos perseguidores.

⁵⁵ Em japonês, *Mugen Jigoku* [無間地獄].

⁵⁶ No calendário lunar, de tempos em tempos era necessário dobrar um mês para ajustar a passagem das estações. Nesse ano, o mês dobrado era fevereiro.

⁵⁷ Em japonês, *asahi shôgun* [朝日將軍].

Taira no Atsumori

Atsumori⁵⁸ era sobrinho de Kiyomori. Na batalha de Ichinotani, na costa de Suma, tentou escapar pelo mar, mas Kumagai Naozane⁵⁹, um soldado dos Genji, conseguiu derrubá-lo da sela. Ao ver o belo rosto do jovem, Naozane percebeu que ele tinha a mesma idade de seu filho e, desejando poupar-lhe a vida, perguntou-lhe o nome. Mas Atsumori, orgulhoso, disse-lhe apenas que cortasse sua cabeça e a mostrasse por aí, pois todos saberiam dizer a quem pertencia. E Naozane, em lágrimas, decapitou Atsumori — mais tarde, sob o impacto dessa experiência, ele viria a se tornar monge. Atsumori era um exímio flautista, e junto ao seu corpo, Naozane encontrou uma flauta, Aoba no Fue (“flauta das folhas verdes”), que o imperador Toba dera de presente ao seu avô, e que Atsumori carregara sempre consigo. Esse episódio é tema da peça de nô *Atsumori*, de Zeami, e de outras obras artísticas.

O **Volume 10** narra o destino de dois descendentes de Kiyomori. Taira no Shigehira, capturado vivo na Batalha de Ichinotani, é executado pelos monges de um templo que ele mandara incendiar. Koremori, após a morte precoce do pai e a fuga dos Taira da capital, decide desertar e se tornar monge, indo viver no monte Kôya; algum tempo depois, comete suicídio.

Yokobue

Após a fuga dos Heike da capital para Yashima, em Shikoku, Koremori sentia muita saudade de sua esposa e filhos, que haviam ficado para trás, em Quioto. Ele sofria, também, porque muitos dos seus companheiros acreditavam que ele os havia traído e fora para o lado dos Genji. Fugindo de Yashima, foi ao monte Kôya à procura de um homem santo, um conhecido seu de outras épocas.

Esse homem santo fora samurai da casa de seu pai, Taira no Shigemori. Tinha o nome secular de Saitô Tokiyori⁶⁰, e, desde os treze anos, servira na guarda imperial, no posto de Takiguchi, que ficava ao lado da cascata do jardim do palácio — motivo esse por que todos o chamavam de Takiguchi. Nessa mesma época, a imperatriz, Kenreimon'in, tinha uma criada chamada Yokobue⁶¹, uma linda jovem por quem Takiguchi se apaixonou. Ao saber disso, o pai o repreendeu severamente, dizendo que não o havia criado para que se envolvesse com uma mulher tão humilde, e sim para que se casasse com a filha de alguém importante.

Takiguchi se pôs a pensar: “Por mais que tenha longa vida, uma pessoa vive no máximo setenta, oitenta anos, e o corpo só é jovem e forte por apenas cerca de vinte anos. Nesse mundo de ilusão, para que dedicar um instante que seja a pessoas que não me agradam? No entanto, se eu ficar com aquela que amo, estarei desrespeitando o meu pai. Este é o momento certo para ingressar na vida monástica. Vou deixar este mundo flutuante para buscar o caminho da verdade”. E aos dezenove anos, Takiguchi raspou a cabeça e foi para o mosteiro de Ôjôin, para levar uma vida de ascetismo.

Ainda que aceitasse os motivos do pai de seu amado para impedir o romance, Yokobue não conseguia compreender por que Takiguchi havia decidido se tornar monge. Ficava ainda mais triste ao pensar que ele havia partido sem ao menos uma palavra de

⁵⁸ Taira no Atsumori [平敦盛] (1169–1184). Filho de Tsunemori.

⁵⁹ Kumagai Naozane [熊谷直実] (1141–1208).

⁶⁰ Saitô Tokiyori [齊藤時頼] (?).

⁶¹ Yokobue significa “flauta transversal”.

explicação. Um dia, ao entardecer, ela decide partir na direção de Saga, determinada a descobrir o paradeiro de Takiguchi, ou ao menos lhe dizer sua queixa. Era a noite de dez de fevereiro, quando a brisa primaveril espalha o aroma das flores de *ume*, e a lua vaga ilumina a névoa que paira sobre o rio Ooi. Ao final de muitas andanças, errando o caminho muitas vezes, ela chega a um templo humilde, de onde se pode ouvir uma voz recitando os sutras: essa voz era justamente do monge Takiguchi.

Yokobue se fez anunciar, e disse à criada que ia com ela que transmitisse a seguinte mensagem: “Vim até aqui porque queria ver como Vossa Senhoria está, agora que é monge, e queria que Vossa Senhoria me visse como estou, eu também”.

Estremecido com o acontecimento inesperado, Takiguchi espia pela fresta do *shôji*, e vê que ela tinha a barra do quimono molhada do orvalho, as mangas encharcadas de lágrimas e o rosto emaciado de exaustão da viagem que fizera. Qualquer pessoa que visse aquela cena, mesmo o mais virtuoso dos ascetas, teria seu coração amolecido. Mas ele manda apenas dizer que naquele templo não havia tal pessoa, e que deveria ser um engano.

Yokobue, ressentida, lamentando sua sorte, resignou-se e, segurando as lágrimas, voltou para a capital. Um pouco depois, Takiguchi diz aos outros monges que havia decidido abandonar aquele templo, pois, ainda que fosse silencioso e propício à prática do ascetismo, Yokobue o havia encontrado ali. Se ela voltasse, ele temia ser incapaz de resistir à tentação. E partiu para o monte Kôya.

Yokobue também se tornou monja e foi viver em um templo em Nara, mas adoeceu após alguns anos e veio a falecer em seguida. Ao saber disso, o monge Takiguchi dedicou-se ainda mais à sua fé, até que seu pai o perdoou pela desobediência. E os que o conheciam chamavam-no de “Homem Santo de Kôya” e o veneravam.

Koremori encontra o monge Takiguchi, torna-se também monge e vai em peregrinação a Kumano. Pouco tempo depois, comete suicídio, afogando-se no mar.

O **Volume 11** pode ser considerado como o clímax da obra: narram-se os preparativos para o confronto final entre os Heike e os Genji e a subsequente derrota e aniquilação do clã Taira, na batalha de Dannoura.

Nasu no Yoichi e o Alvo do Leque

Após uma série de derrotas, o clã Heike se refugiou em Yashima, na atual província de Kagawa, na tentativa de reorganizar suas forças. Mas Yoshitsune os atacou com pouco mais de trezentos cavaleiros, e os Heike fugiram para o mar, para esperarem em barcos o momento do confronto.

No entardecer daquele dia, após a batalha, avistou-se um pequeno barco dos Heike, finamente decorado, que se aproximava. Nesse barco, havia uma bela jovem de dezoito ou dezenove anos, vestida com um magnífico quimono, que acenava com uma mão e na outra sustentava uma vara, na ponta da qual havia um leque vermelho com o desenho de um disco dourado. Era um desafio: “Quem acerta este leque com uma flecha?”. Yoshitsune chamou seu melhor arqueiro, Nasu no Yoichi, e mandou que mostrasse aos Heike aquilo de que era capaz. Mas Yoichi, um rapaz humilde de apenas vinte anos, se recusou a cumprir a ordem, retrucando que, caso errasse o alvo, isso seria uma desonra para os Genji. Mas Yoshitsune se irritou com a desobediência, e Yoichi acabou obedecendo.

O jovem arqueiro se dirigiu ao mar, montado em seu cavalo. As ondas estavam altas, e o barco subia e descia; o leque não parava um instante. Yoichi avançou um pouco mais com o cavalo mar adentro, mas o barco ainda estava muito longe. Fechou os olhos e pediu proteção

dos deuses e de Buda; ao abrir os olhos, o vento havia amainado um pouco e a mira parecia mais fácil. Yoichi puxou a corda do arco com toda força e soltou; ouviu-se um zunido que ecoou na enseada; e a flecha cortou a parte inferior do leque. A flecha seguiu seu curso e mergulhou no mar; o leque subiu para o céu e veio descendo como uma folha na brisa primaveril, até pousar sobre as ondas, flutuando no mar, vermelho como o sol poente. Os Heike suspiravam de admiração, batendo nas amuradas dos barcos; e os Genji, na terra, exclamavam e batiam em suas aljavas.

Um guerreiro Heike, de cerca de cinquenta anos, entusiasmou-se e começou a dançar em torno da vara onde antes estava o leque. Ao ver isso, Yoshitsune ordenou que Yoichi acertasse o dançarino; o arqueiro acertou-o de primeira, e o homem tombou no fundo do barco. O lado dos Heike ficou em total silêncio, enquanto os Genji mais uma vez bateram em suas aljavas.

— Alvo fácil! — uns gritaram.

— Que desalmado! — diziam outros.

A Batalha de Dannoura

Os Heike fugiram de Yashima e foram em direção oeste no Mar Interno, mas os governantes de Shikoku e Kyûshû já haviam mudado para o lado dos Genji. Por fim, o confronto entre os dois clãs se deu no dia 24 de março de 1185, em um pequeno estreito denominado Dannoura, localizado entre Honshû e Kyûshû.

No início da batalha, os Heike estavam em vantagem, pois os Genji não tinham muita experiência em batalhas navais. No entanto, com uma mudança da corrente marítima, os Genji passaram da defesa para o ataque. Além disso, algum traidor revelou aos Genji o esconderijo do imperador Antoku em um barco de aparência humilde. Sob ataque acirrado dos Genji, os Heike acabaram sofrendo pesadas perdas. Reconhecendo o fim, muitos deles se jogaram ao mar.

A monja Nii no Tsubone, viúva de Kiyomori e avó de Antoku, sabendo da situação pelo relato de Tomomori⁶², quarto filho de Kiyomori, decidiu dar fim à sua vida. Como já imaginava que isso poderia vir a acontecer, Nii havia levado consigo a *magatama* e prendera à cintura a espada Kusanagi (dois dos tesouros imperiais sagrados). Então, tomando o pequeno imperador nos braços, disse:

— Ainda que mulher, não serei prisioneira. Acompanharei Sua Majestade em seu destino. Aquelas que pensarem como eu, sigam-me.

E, dito isso, encaminhou-se, serena, até a proa. O imperador tinha oito anos⁶³ de idade, mas parecia mais velho, e tinha belíssimas feições. Surpreso, perguntou à avó:

— Para onde está me levando?

A dama Nii, em lágrimas, respondeu:

— Mesmo tendo nascido imperador, o destino ruim quis que sua sorte acabasse hoje. Primeiro, vamos nos virar para o leste, para nos despedirmos do Grande Santuário de Ise. Agora, vamos nos voltar para o oeste, e pedir a Amida que venha nos buscar. Vamos rezar um sutra. Ali debaixo das ondas tem um reino chamado Paraíso da Terra Pura. É para lá que nós vamos.

E Nii no Tsubone, com o imperador nos braços, desapareceu nas profundezas do mar.

⁶² Taira no Tomomori [平知盛] (1152–1185). O quarto filho de Kiyomori.

⁶³ Contagem antiga, equivale a seis anos da contagem atual.

Depois de contemplar essa cena terrível, Kenreimon'in e as outras damas também se atiraram, uma após a outra, ao mar. No entanto, um soldado Genji resgatou a ex-imperatriz, puxando-a para um barco pelos cabelos, usando um ancinho. A esposa de Taira no Shigehira tentou levar consigo o espelho, o terceiro tesouro sagrado, mas tropeçou, e um guerreiro Genji conseguiu agarrá-la. Os bravos guerreiros Heike pularam de mãos dadas, levando, além do peso de suas armaduras, a âncora do barco nas costas, e afundaram no mar.

E assim foi decidida a batalha de Dannoura. No dia 3 de abril do mesmo ano, Yoshitsune foi à capital, fazer o relato do acontecido ao ex-imperador Goshirakawa. A *magatama* foi posteriormente reencontrada, mas a espada Kusanagi foi perdida para sempre.

O **Volume 12** narra a morte de Taira no Rokudai⁶⁴, último representante da linhagem dos Heike, e o destino de Minamoto no Yoshitsune, irmão mais novo de Yoritomo.

Minamoto no Yoshitsune

Yoshitsune era o nono filho homem de Minamoto no Yoshitomo. Era meio-irmão por parte de pai de Yoritomo, e seu nome de infância era Ushiwakamaru. Com a morte do pai, Kiyomori ordenou que ele fosse enviado ao templo Kuramadera, a fim de que entrasse para a vida monástica. Quando chegou à adolescência, abandonou o templo e fugiu para Hiraizumi, em Ôshû, buscando a proteção de Fujiwara no Hidehira⁶⁵, que era o líder do seu clã nessa região. Quando seu irmão mais velho, que era líder do clã, reuniu um exército para lutar contra os Heike, ele tomou a decisão de se juntar a esses guerreiros e, chegando ao quartel de Kinosegawa, encontrou Yoritomo pela primeira vez. Na ocasião, os dois, abraçados, choraram. Yoshitsune tinha 22 anos. Depois disso, Yoritomo delegou a função de comandar as tropas no campo de batalha a Yoshitsune e outro irmão deles, chamado Noriyori⁶⁶, permanecendo em Kamakura e tomando para si o comando geral.

Enquanto Noriyori atacava por terra com um enorme exército, Yoshitsune preferia fazer ataques surpresa com um pequeno grupo de guerreiros de elite. Com suas vitórias nas batalhas de Ichinotani e Yashima, e finalmente com o aniquilamento dos Heike na batalha de Dannoura, brilhou como o mais valoroso comandante, chamando para si tanto a admiração como a inveja de outros. Acabou despertando o ciúme de Noriyori e a ira de Yoritomo, ao tomar decisões unilaterais e precipitadas nas batalhas, e principalmente porque aceitou um título de mérito conferido pelo ex-imperador Goshirakawa, sem antes pedir permissão a este último, tornando-se *persona non grata* em Kamakura, e sendo obrigado a abandonar Quioto.

Depois de abandonar a capital, Yoshitsune se escondeu com seu séquito e sua amada Shizuka⁶⁷ em Nara, nas montanhas de Yoshino. Por traição dos monges do lugar, Shizuka foi capturada e levada a Kamakura. Yoshitsune refugiou-se em Ôshû, nos domínios de Fujiwara no Hidehira; com a morte deste, seu filho Yasuhira, sob ordens de Kamakura, atacou-o, levando-o a cometer suicídio, em sua mansão de Koromogawa. Tinha então 31 anos.

⁶⁴ Taira no Rokudai [平六代] (1173–1198). Filho primogênito de Koremori. Também conhecido como Sanmi Zenji [三位禪師, monge de Terceiro Grau].

⁶⁵ Fujiwara no Hidehira [藤原秀衡] (1122–1187).

⁶⁶ Minamoto no Noriyori [源範頼] (1153?–1193).

⁶⁷ Shizuka Gozen [静御前] (?). Dançarina *shirabyôshi* que foi amante de Yoshitsune.

Ao morrer de forma tão trágica, Yoshitsune se tornou para os japoneses um modelo, dando origem à expressão *hōgan biiki*⁶⁸, que se refere à compaixão que se sente pelo lado perdedor em uma disputa. Nesse sentimento, entra a indignação pela injustiça e piedade pelos fracos. O personagem de Yoshitsune gerou numerosas lendas.

O **Epílogo**, que foi acrescentado à obra no final do século XIII, serve como fechamento e retomada do tema da impermanência (anunciado no primeiro parágrafo do Volume 1). Descreve o que aconteceu a Kenreimon'in após a derrota dos Heike, e um encontro entre ela e do ex-imperador Goshirakawa.

A Visita do ex-Imperador

O ex-imperador Goshirakawa desempenhou importante função em todos os conflitos desse período; no entanto, nesta narrativa, é tratado como uma figura coadjuvante. Desde sua ascensão ao trono, em 1155, até a sua morte, em 1192, aos 66 anos, Goshirakawa realizou a chamada política *insei*, manipulando, tanto na esfera pública como nos bastidores, a disputa dos clãs Heike e Genji, sendo figura central desse período de transição, buscando sempre proteger o sistema político centralizado no imperador.

O epílogo de **História dos Heike** conta a visita de Goshirakawa à ex-imperatriz Kenreimon'in, que havia se tornado monja depois de ter sido salva da morte por afogamento, ao final da batalha de Dannoura, refugiando-se no monastério de Jakkōin, em Oohara, ao norte de Quioto. Ela conta ao ex-imperador sobre sua vida passada. Enquanto eles conversam, o som do sino de Jakkōin anuncia que o sol está se pondo. O ex-imperador, por um momento, hesita em deixá-la; mas, enxugando as lágrimas, retorna ao palácio.

A referência ao sino de Jakkōin ecoa a imagem do sino de Gion Shōja do início da narrativa, criando um efeito de moldura e de fechamento, e reafirmando o tema principal da obra — a impermanência das coisas e dos homens.

A narrativa épica termina com a morte da ex-imperatriz, que ocorreu alguns anos após essa visita.

Sobre os autores:

ANDREI CUNHA é doutor em literatura comparada, tradutor público juramentado de japonês e professor adjunto de literatura japonesa do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, Porto Alegre, Brasil). Bacharel em direito japonês e mestre em relações internacionais pela Universidade Hitotsubashi (Kunitachi, Tóquio, Japão). Sua mais recente tradução publicada é “A Gata, um homem e duas mulheres”, de Tanizaki Jun'ichirō, pela Editora Estação Liberdade (2016).

MEIKO SHIMON é professora assistente aposentada de Língua, Tradução e Literatura Japonesa da UFRGS. Traduziu, entre outras obras, “Contos da palma da mão”, “O mestre de go”, “A gangue escarlate de Asakusa”, todos de Yasunari Kawabata, e “Trilhas longínquas de Oku”, de Matsuo Bashō.

⁶⁸ *Hōgan biiki* [判官鼻眞, “simpatizante de Yoshitsune”]. A expressão é composta por *hōgan* [判官], um título de oficial de 3º ou 4º grau, pelo qual Minamoto no Yoshitsune também era conhecido; e *biiki* [鼻眞], palavra que significa partidário, simpatizante.

VENCEDORES DO 9º CONCURSO DE HAICAI MASUDA GOGA

A Associação Cultural e Literária Nikkei Bungaku do Brasil, em parceria com o Grêmio Haicai Ipê, promoveu, durante 2016, o 9º Concurso de Haicai Masuda Goga, aberto ao público em geral, com o objetivo de divulgar o haicai.

Masuda Goga (1911-2008) foi mestre de haicai em japonês e português. Jornalista, escritor e artista plástico, ajudou a fundar, em 1987, o Grêmio Haicai Ipê. Em 2004, recebeu o “Masaoka Shiki International Haiku Prize”, por seu esforço na divulgação do haicai no Brasil.

O concurso foi dividido em duas categorias, infanto-juvenil e adulta, para cada uma das quais foram escolhidos e premiados cinco autores. O julgamento foi de Teruko Oda e Edson Kenji Iura. Participaram 96 adultos e 79 jovens, perfazendo um total de 175 inscrições.

9º CONCURSO DE HAICAIS MASUDA GOGA
VENCEDORES DA CATEGORIA INFANTO-JUVENIL

1º lugar

Indo dormir
O barulho de um grilo
Começa a subir

Felipe Pombo
Curitiba, PR

2º lugar

Uma noite de frio
Tudo quieto, ninguém falando
Ouve-se o grilo

Elvis F. de França
S. José dos Pinhais, PR

3º lugar

No silêncio do meu quarto
O grilo canta
Fico feliz

Edson dos Santos da Silva
S. José dos Pinhais, PR

4º lugar

Ao pôr do sol
Entre as folhas do jardim
Ouço o cri do grilo

Nikiara Yukimi Pugim Takaki
S. José dos Pinhais, PR

5º lugar

Sossego da noite
O canto dos grilos
Aumenta minha paz

Carollyne Correa dos Santos
São Paulo, SP

9º CONCURSO DE HAICAIS MASUDA GOGA
VENCEDORES DA CATEGORIA ADULTA

1º lugar

Fim de tarde
O sol doura os campos
um grilo canta

Eugénia Tabosa
São Paulo, SP

2º lugar

O primeiro grilo —
a guitarra do meu filho
de repente tímida

Eduard Tara
Iasi, Romênia

3º lugar

Enxame de grilos.
Saudade dos sons da infância
no sítio do avô.

Antonio Augusto de Assis
Maringá, PR

4º lugar

Grilo ao longe
Lembrança de enganos
Tempo de mudar.

Jorge Roberto Sobrado Puell
Rio de Janeiro, RJ

5º lugar

com o lusco-fusco
um último funeral
cricrilam os grilos

Carlos Viegas
Brasília, DF

35º CONCURSO LITERÁRIO YOSHIO TAKEMOTO

A Associação Cultural e Literária Nikkei Bungaku do Brasil está recebendo trabalhos para concorrerem nas nove modalidades literárias do 35º Concurso Literário Yoshio Takemoto, sendo quatro em língua portuguesa: haicai, poesia, conto e tradução do japonês para o português, e mais cinco modalidades em língua japonesa: *shōsetsu* (conto), *zui-hitsu* (ensaio), *tanka* (poesia lírica), *haiku* (haicai), e *hon-yaku* (tradução do português para o japonês). O regulamento para as modalidades em língua japonesa está publicado na seção correspondente da revista Brasil Nikkei Bungaku e também na internet, em www.nikkeibungaku.org.br.

REGULAMENTO
(Modalidades em língua portuguesa)

1. Para haicai, deve ser enviado um conjunto de exatos cinco haicais, inéditos, de tema livre e forma tradicional, por concorrente.
2. Para poesia, será aceito um único poema inédito por concorrente, de tema e forma livres, com até vinte linhas ou versos.
3. Para conto, será aceito um único trabalho inédito por concorrente, com tema livre e até dez mil toques.
4. Para tradução do japonês para o português, será aceita uma tradução inédita, por concorrente, das partes um e dois do texto “*Tsuki no yogatari*”, de autoria de Kidō Okamoto.
5. Todos os trabalhos devem ser encaminhados por via postal para o 35º Concurso Takemoto, Rua Vergueiro, 819, sala 2, São Paulo, SP, 01504-001.
6. O prazo de envio dos trabalhos é 15 de agosto de 2017, valendo a data de carimbo dos correios.
7. Os trabalhos devem ser apresentados em três vias, identificadas apenas com o pseudônimo escolhido pelo concorrente, acondicionadas num único envelope grande. Dentro do envelope grande, será incluído também um envelope menor, fechado e identificado com o pseudônimo do concorrente. Esse envelope conterá uma folha com as seguintes informações obrigatórias: pseudônimo, títulos das obras inscritas (para a modalidade haicai, o título do conjunto), nome do autor, endereço postal, email, telefone e biografia de até dez linhas.
8. O pseudônimo escolhido não deve remeter a ou coincidir com o nome civil ou o nome literário do concorrente. Tampouco deve remeter a ou coincidir com pseudônimos utilizados em edições passadas do Concurso.
9. Para cada modalidade, até dois trabalhos serão selecionados para receber Menção Honrosa.
10. Adicionalmente, um trabalho de cada modalidade poderá ser selecionado para receber o Prêmio Especial.
11. O ganhador do Prêmio Especial fica impedido de receber, no concurso do ano imediatamente posterior, outro Prêmio Especial na mesma modalidade.
12. Prêmios em dinheiro:
 - a. Prêmio Especial para a modalidade Conto: R\$ 1.000,00.
 - b. Prêmio Especial para as demais modalidades: R\$ 600,00.
 - c. Prêmio de Menção Honrosa na modalidade Conto: R\$ 500,00.
 - d. Prêmio de Menção Honrosa nas demais modalidades: R\$ 300,00.
13. Além dos valores acima, cada premiado receberá um diploma e adesão gratuita no primeiro ano à Associação Cultural e Literária Nikkei Bungaku do Brasil.
14. Os autores premiados concordam em ceder, desde já, de forma gratuita e definitiva, os direitos autorais patrimoniais dos trabalhos correspondentes à Associação Cultural e Literária Nikkei Bungaku do Brasil, que poderá utilizá-los em suas publicações futuras.
15. Os resultados serão divulgados até 15 de dezembro de 2017.
16. Os prêmios serão entregues aos premiados ou aos seus representantes em cerimônia a ser realizada na cidade de São Paulo, em data, hora e local a serem divulgados.
17. A simples participação no Concurso implica na aceitação plena e irrestrita de todos os termos deste Regulamento.

Texto destinado à categoria Tradução do Português para o Japonês do 35º Concurso Literário Yoshio Takemoto

VESTIDA DE PRETO
Mário de Andrade

Tanto andam agora preocupados em definir o conto que não sei bem se o que vou contar é conto ou não, sei que é verdade. Minha impressão é que tenho amado sempre. Depois do amor grande por mim que brotou aos três anos e durou até os cinco mais ou menos, logo o meu amor se dirigiu para uma espécie de prima longínqua que frequentava a nossa casa. Como se vê, jamais sofri do complexo de Édipo, graças a Deus. Toda a minha vida, mamãe e eu fomos muito bons amigos, sem nada de amores perigosos.

Maria foi o meu primeiro amor. Não havia nada entre nós, está claro, ela como eu nos seus cinco anos apenas, mas não sei que divina melancolia nos tomava, se acaso nos achávamos juntos e sozinhos. A voz baixava de tom, e principalmente as palavras é que se tornaram mais raras, muito simples. Uma ternura imensa, firme e reconhecida, não exigindo nenhum gesto. Aquilo aliás durava pouco, porque logo a criança chegou. Mas tínhamos então uma raiva impensada dos manos e dos primos, sempre exteriorizada em palavras ou modos de irritação. Amor apenas sensível naquele instinto de estarmos sós.

E só mais tarde, já pelos nove ou dez anos, é que lhe dei nosso único beijo, foi maravilhoso. Se a criança estava toda junta naquela casa sem jardim da Tia Velha, era fatal brincarmos de família, porque assim Tia Velha evitava correrias e estragos. Brinquedo aliás que nos interessava muito, apesar da idade já avançada para ele. Mas é que na casa de Tia Velha tinha muitos quartos, de forma que casávamos rápido, só de boca, sem nenhum daqueles cerimoniais de mentira que dantes nos interessavam tanto, e cada par fugia logo, indo viver no seu quarto. Os melhores interesses infantis do brinquedo, fazer comidinha, amamentar bonecas, pagar visitas, isso nós deixávamos com generosidade apressada para os menores. Íamos para os nossos quartos e ficávamos vivendo lá. O que os outros faziam, não sei. Eu, isto é, eu com Maria, não fazíamos nada. Eu adorava principalmente era ficar assim sozinho com ela, sabendo várias safadezas já mas sem tentar nenhuma. Havia, não havia não, mas sempre como que havia um perigo iminente que ajuntava o seu crime à intimidade daquela solidão. Era suavíssimo e assustador.

Maria fez uns gestos, disse algumas palavras. Era o aniversário de alguém, não lembro mais, o quarto em que estávamos fora convertido em dispensa, cômodas e armários cheios de pratos de doces para o chá que vinha logo. Mas quem se lembrasse de tocar naqueles doces, no geral secos, fáceis de disfarçar qualquer roubo! estávamos longe disso. O que nos deliciava era mesmo a grave solidão.

Nisto os olhos de Maria caíram sobre o travesseiro sem fronha que estava sobre uma cesta de roupa suja a um canto. E a minha esposa teve uma invenção que eu também estava longe de não ter. Desde a entrada no quarto eu concentrara todos os meus instintos na existência daquele travesseiro, o travesseiro cresceu como um danado dentro de mim e virou crime. Crime não, “pecado” que é como se dizia naqueles tempos cristãos... E por causa disso eu conseguira não pensar até ali, no travesseiro.

— Já é tarde, vamos dormir — Maria falou.

Fiquei estarecido, olhando com uns fabulosos olhos de imploração para o travesseiro quentinho, mas quem disse travesseiro ter piedade de mim. Maria, essa estava simples demais para me olhar e surpreender os efeitos do convite: olhou em torno e afinal, vasculhando na

cesta de roupa suja, tirou de lá uma toalha de banho muito quentinha que estendeu sobre o assoalho. Pôs o travesseiro no lugar da cabeceira, cerrou as venezianas da janela sobre a tarde, e depois deitou, arranjando o vestido pra não amassar.

Mas eu é que nunca havia de pôr a cabeça naquele restico de travesseiro que ela deixou pra mim, me dando as costas. Restico sim, apesar do travesseiro ser grande. Mas imaginem numa cabeleira explodindo, os famosos cabelos assustados de Maria, citação obrigatória e orgulho de família. Tia Velha, muito ciumenta por causa duma neta preferida que ela imaginava deusa, era a única a pôr defeito nos cabelos de Maria.

— Você não vem dormir também? — ela perguntou com fragor, interrompendo o meu silêncio trágico.

— Já vou — que eu disse — estou conferindo a conta do armazém.

Fui me aproximando incomparavelmente sem vontade, senti no chão tomando cuidado em sequer tocar no vestido, puxa! também o vestido dela estava completamente assustado, que dificuldade! Pus a cara no travesseiro sem a menor intenção de.

Mas os cabelos de Maria, assim era pior, tocavam de leve no meu nariz, eu podia espirrar, marido não espirra. Senti, pressenti que espirrar seria muito ridículo, havia de ser um espirrão enorme, os outros escutavam lá da sala-de-visita longínqua, e daí é que o nosso segredo se desvendava todinho.

Fui afundando o rosto naquela cabeleira e veio a noite, senão os cabelos (mas juro que eram cabelos macios) me machucavam os olhos. Depois que não vi nada, ficou fácil continuar enterrando a cara, a cara toda, a alma, a vida, naqueles cabelos, que maravilha! até que o meu nariz tocou num pescocinho roliço. Então fui empurrando os meus lábios, tinha uns bonitos lábios grossos, nem eram lábios, era beijo, minha boca foi ficando encanudada até que encontrou o pescocinho roliço. Será que ela dorme de verdade?... Me ajeitei muito sem-cerimônia, mulherzinha! e então beijei. Quem falou que este mundo é ruim! só recordar... Beije Maria, rapazes! eu nem sabia beijar, está claro, só beijava mães, boca fazendo bulha, contato sem nenhum calor sensual.

Maria, só um leve entregar-se, uma levíssima inclinação pra trás me fez sentir que Maria estava comigo em nosso amor. Nada mais houve. Não, nada mais houve. Durasse aquilo uma noite grande, nada mais haveria porque é engraçado como a perfeição fixa a gente. O beijo me deixara completamente puro, sem minhas curiosidades nem desejos de mais nada, adeus pecado e adeus escuridão! Se fizera em meu cérebro uma enorme luz branca, meu ombro bem que doía no chão, mas a luz era violentamente branca, proibindo pensar, imaginar, agir. Beijando.

Tia Velha, nunca eu gostei de Tia Velha, abriu a porta com um espanto barulhento. Percebi muito bem, pelos olhos dela, que o que estávamos fazendo era completamente feio.

— Levantem!... Vou contar pra sua mãe, Juca!

Mas eu, levantando com a lealdade mais cínica deste mundo!

— Tia Velha me dá um doce?

Tia Velha – eu sempre detestei Tia Velha, o tipo da bondade Berlitz, injusta, sem método — pois Tia Velha teve a malvadeza de escorrer por mim todo um olhar que só alguns anos mais tarde pude compreender inteiramente. Naquele instante, eu estava só pensando em disfarçar, fingindo uma inocência que poucos segundos antes era real.

— Vamos! saiam do quarto!

Fomos saindo muito mudos, numa bruta vergonha, acompanhados de Tia Velha e os pratos que ela viera buscar para a mesa de chá.

O estranhíssimo é que principiou, nesse acordar à força provocado por Tia Velha, uma indiferença inexplicável de Maria por mim. Mais que indiferença, frieza viva, quase antipatia. Nesse mesmo chá inda achou jeito de me maltratar diante de todos, fiquei zozzo.

Dez, treze, quatorze anos... Quinze anos. Foi então o insulto que julguei definitivo. Eu estava fazendo um ginásio sem gosto, muito arrastado, cheio de revoltas íntimas, detestava estudar. Só no desenho e nas composições de português tirava as melhores notas. Vivia nisso: dez nestas matérias, um, zero em todas as outras. E todos os anos era aquela já esperada fatalidade: uma, duas bombas (principalmente em matemáticas) que eu tomava apenas o cuidado de apagar nos exames de segunda época.

Gostar, eu continuava gostando muito de Maria, cada vez mais, conscientemente agora. Mas tinha uma quase certeza que ela não podia gostar de mim, quem gostava de mim!... Minha mãe... Sim, mamãe gostava de mim, mas naquele tempo eu chegava a imaginar que era só por obrigação. Papai, esse foi sempre insuportável, incapaz de uma carícia. Como incapaz de uma repreensão também. Nem mesmo comigo, a tara da família, ele jamais ralhou. Mas isto é caso pra outro dia. O certo é que, decidido em minha desesperada revolta contra o mundo que me rodeava, sentindo um orgulho de mim que jamais buscava esclarecer, tão absurdo o pressentia, o certo é que eu já principiava me aceitando por um caso perdido, que não adiantava melhorar.

Esse ano até fora uma bomba só. Eu entrava da aula do professor particular, quando enxerguei a saparia na varanda e Maria entre os demais. Passei bastante encabulado, todos em férias, e os livros que eu trazia na mão me denunciando, lembrando a bomba, me achincalhando em minha imperfeição de caso perdido. Esbocei um gesto falsamente alegre de bom-dia, e fui no escritório pegado, esconder os livros na escrivaninha de meu pai. Ia já voltar para o meio de todos, mas Matilde, a peste, a implicante, a deusa estúpida que Tia Velha perdia com suas preferências:

— Passou seu namorado, Maria.

— Não caso com bombeado — ela respondeu imediato, numa voz tão feia, mas tão feia, que parei estarecido. Era a decisão final, não tinha dúvida nenhuma. Maria não gostava mais de mim. Bobo de assim parado, sem fazer um gesto, mal podendo respirar.

Aliás um caso recente vinha se ajuntar ao insulto pra decidir de minha sorte. Nós seríamos até pobretões, comparando com a família de Maria, gente que até viajava na Europa. Pois pouco antes, os pais tinham feito um papel bem indecente, se opondo ao casamento duma filha com um rapaz diz-que pobre mas ótimo. Houvera um rompimento de amizade, mal-estar na parentagem toda, o caso virara escândalo mastigado e remastigado nos comentários de hora de jantar. Tudo por causa do dinheiro.

Se eu insistisse em gostar de Maria, casar não casava mesmo, que a família dela não havia de me querer. Me passou pela cabeça comprar um bilhete de loteria. “Não caso com bombeado”... Fui abraçando os livros de mansinho, acariciei-os junto ao rosto, pousei a minha boca numa capa, suja de pó suado, retirei a boca sem desgosto. Naquele instante eu não sabia, hoje sei: era o segundo beijo que eu dava em Maria, último beijo, beijo de despedida, que o cheiro desagradável do papelão confirmou. Estava tudo acabado entre nós dois.

Não tive mais coragem pra voltar à varanda e conversar com... os outros. Estava com uma raiva desprezadora de todos, principalmente de Matilde. Não, me parecia que já não tinha raiva de ninguém, não valia a pena, nem de Matilde, o insulto partira dela, fora por causa dela, mas eu não tinha raiva dela não, só tristeza, só vazio, não sei... creio que uma vontade de ajoelhar. Ajoelhar sem mais nada, ajoelhar ali junto da escrivaninha e ficar assim, ajoelhar. Afinal das contas eu era um perdido mesmo, Maria tinha razão, tinha razão, tinha razão, que tristeza!

Foi o fim? Agora é que vem o mais esquisito de tudo, ajuntando anos pulados. Acho que até não consigo contar bem claro tudo o que sucedeu. Vamos por ordem: Pus tal firmeza em não amar Maria mais, que nem meus pensamentos me traíram. De resto a mocidade raiava e eu tinha tudo a aprender. Foi espantoso o que se passou em mim. Sem abandonar o meu jeito de “perdido”, o cultivando mesmo, ginásio acabado, eu principiara gostando de estudar. Me batera, súbito, aquela vontade irritada de saber, me tornara estudiosíssimo. Era mesmo uma impaciência raivosa, que me fazia devorar bibliotecas, sem nenhuma orientação. Mas brilhava, fazia conferências empoladas em sociedades de rapazes, tinha ideias que assustavam todo o mundo. E todos principiavam maldando que eu era muito inteligente mas perigoso.

Maria, por seu lado, parecia uma doida. Namorava com Deus e todo o mundo, aos vinte anos fica noiva de um rapaz bastante rico, noivado que durou três meses e se desfez de repente, pra dias depois ela ficar noiva de outro, um diplomata riquíssimo, casar em duas semanas com alegria desmedida, rindo muito no altar e partir em busca duma embaixada europeia com o secretário chique seu marido.

(...)